

UNIVERSIDADE PAULISTA
PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

DROMOLOGIA, DROMOCRACIA NO CONTEXTO
DA CIVILIZAÇÃO CIBERCULTURAL:
A VELOCIDADE COMO IMPERATIVO DA VIDA SOCIAL

MARIO FINOTTI SILVA

São Paulo

2014

UNIVERSIDADE PAULISTA
PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

DROMOLOGIA, DROMOCRACIA NO CONTEXTO
DA CIVILIZAÇÃO CIBERCULTURAL:
A VELOCIDADE COMO IMPERATIVO DA VIDA SOCIAL

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para a obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Jorge Miklos.

MARIO FINOTTI SILVA

São Paulo

2014

Silva, Mario Finotti.

Dromologia dromocracia no contexto da civilização cibercultural: a velocidade como imperativo da vida social. / Mario Finotti Silva - 2014.

105 f. : il. color.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2014.

Área de Concentração: Contribuições da mídia para a interação entre grupos sociais.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Miklos.

1. Cibercultura. 2. Dromologia. 3. Dromocracia. I. Título. II. Miklos, Jorge (orientador).

ERRATA

Folha	Linha	Onde se lê	Leia-se
19	481	O objetivo desta dissertação de mestrado é desenvolver uma compreensão pelo viés comunicacional sobre as repercussões do vetor da velocidade nos diferentes campos de atuação humana, procurando desenvolver um panorama teórico-interpretativo detalhado sobre as transformações sociais culturais e comunicacionais pelas quais vem passando a sociedade ocidental na atual configuração social-histórica e tecnológica.	A lógica da velocidade tornou-se um imperativo e uma obsessão da vida social contemporânea condicionando uma rápida e impressionante suplantação das distâncias, diminuindo literalmente o tamanho do planeta e o objetivo desta dissertação de mestrado é desenvolver uma compreensão pelo viés comunicacional sobre as repercussões do vetor da velocidade nos diferentes campos de atuação humana em especial na propaganda, procurando desenvolver um panorama teórico-interpretativo detalhado sobre as transformações sociais culturais e comunicacionais pelas quais vem passando a sociedade ocidental na atual configuração social-histórica e tecnológica. Estamos tratando da dromocracia.
21	574	seus estudos, que a velocidade é igualmente um imperativo da cibercultura,	seus estudos, que a velocidade é igualmente um imperativo da modernidade,
23	622	Sendo o ciberespaço absorvido pelas grandes potências e corporações e eles mesmos detentores do capital e da informação, determina-se assim o norte da sociedade.	Sendo o ciberespaço que ora é colocado à baila, surgiu no campo da ficção e posteriormente engajado no campo crítico, e foi absorvido pelas grandes potências e corporações e eles mesmos detentores do capital e da informação, determina-se assim o norte da sociedade.

Folha	Linha	Onde se lê	Leia-se
24	694	<p>A velocidade com que as informações necessitam correr pelos embriões eletromagnéticos encurtou as distâncias; ao mesmo tempo não há interação entre as pessoas.</p> <p>Esta percepción incipiente acerca de los entornos virtuales e su relación con el espacio real, desembocará con el tiempo en una profunda crítica en sus trabajos más actuales sobre internet y los espacios virtuales que generan los medios de comunicación, en especial los llamados “de masas” (ABAD, 2010, p. 370).</p>	<p>A velocidade com que as informações necessitam correr pelos embriões eletromagnéticos encurtou as distâncias; ao mesmo tempo não há interação entre as pessoas.</p> <p>Virilio verificou na diversidade dos elementos da velocidade e tempo que a principal preocupação é, a importância política da velocidade e sua relação com o espaço por isso não se pode construir um espaço se não se reconhecer a função do tempo como fator questionável. Agregue-se a isso a tomada do poder.</p>
25	717	Na corrida capitalista das grandes corporações de mídia, há o surgimento	Na corrida capitalista das grandes corporações de mídia, verificam-se o surgimento
26	735	O novo fluxo comunicacional, faz as pessoas deixarem de lado a própria consciência e se deixam invadir pelo imaginário, que ao mesmo tempo é coletivo	O novo fluxo comunicacional, faz as pessoas deixarem de lado a própria consciência e se deixam invadir pelo imaginário, que ao mesmo tempo é coletivo. Adorno (1999) traz esse conceito quando diz que o ócio do homem é amplamente utilizado pela indústria cultural e impede o homem de ser autônomo e independente e capaz de ter seu próprio julgamento acerca do todo.
29	828	No novo contexto social devemos estabelecer que as coletividades	No atual contexto social que ora é analisado, devemos estabelecer que as coletividades

Folha	Linha	Onde se lê	Leia-se
34	1024	Hoje vivemos num estado de emergência. As distâncias foram estreitadas pelos mesmos aparato que nos colocam no lugar de não estar, mais uma vez o tempo é detentor de posse sobre os corpos, não no sentido territorial e sensorial, mas como matéria, o próprio lugar.	Hoje vivemos num estado de emergência decorrente das transformações vividas desde a Revolução Industrial quando o homem sentiu a necessidade de produção mecânica às manuais. O tempo girando ao seu favor era primordial. As distâncias foram estreitadas pelos mesmos aparato que nos colocam no lugar de não estar, mais uma vez o tempo é detentor de posse sobre os corpos, não no sentido territorial e sensorial, mas como matéria, o próprio lugar.
35	1038	Na era do instante, o espaço físico não tem mais valor,	Na era do instante dos espaços virtuais, o espaço físico ao que parece passa a não ter mais valor de posse,
37	1128	(BAITELLO JR., 1998) afirma que a velocidade de qualquer tipo na sociedade	(BAITELLO JR., 1998) afirma que a violência de qualquer tipo na sociedade

Folha	Linha	Onde se lê	Leia-se
40	1204	<p>O termo “espaço” é mais abstrato do que o de “lugar”, por cujo emprego nos referimos, pelo menos, a um acontecimento (que ocorreu), a um mito (lugar dito) ou a uma história (lugar histórico). Ele se aplica indiferentemente a uma extensão, a uma distância entre duas coisas ou dois pontos (deixa-se um “espaço” de dois metros entre cada moirão de uma cerca), ou a uma grandeza temporal (“no espaço de uma semana”). Ele é, portanto, especialmente abstrato, e é significativo que seja feito dele, hoje, um uso sistemático, ainda que pouco diferenciado, na língua corrente e nas linguagens particulares de certas instituições representativas do nosso tempo. A <i>Grand Larousse Illustré</i> dá destaque à expressão “espaço aéreo”, que designa parte da atmosfera cuja circulação aérea (menos concreta do que seu homólogo do domínio marítimo: “as águas territoriais”) um Estado controla, mas cita outros empregos que comprovam a plasticidade do termo. Na expressão “espaço judiciário europeu”, percebe-se que a noção de fronteira está implicada, mas que, abstraída essa noção de fronteira, é um conjunto institucional e normativo pouco localizável de que se está tratando (AUGE, 1994).</p>	<p>O termo “espaço” é mais abstrato do que o de “lugar”, por cujo emprego nos referimos, pelo menos, a um acontecimento (que ocorreu), a um mito (lugar dito) ou a uma história (lugar histórico). Ele se aplica indiferentemente a uma extensão, a uma distância entre duas coisas ou dois pontos (deixa-se um “espaço” de dois metros entre cada moirão de uma cerca), ou a uma grandeza temporal (“no espaço de uma semana”). Ele é, portanto, especialmente abstrato, e é significativo que seja feito dele, hoje, um uso sistemático, ainda que pouco diferenciado, na língua corrente e nas linguagens particulares de certas instituições representativas do nosso tempo. A <i>Grand Larousse Illustré</i> dá destaque à expressão “espaço aéreo”, que designa parte da atmosfera cuja circulação aérea (menos concreta do que seu homólogo do domínio marítimo: “as águas territoriais”) um Estado controla, mas cita outros empregos que comprovam a plasticidade do termo. Na expressão “espaço judiciário europeu”, percebe-se que a noção de fronteira está implicada, mas que, abstraída essa noção de fronteira, é um conjunto institucional e normativo pouco localizável de que se está tratando. (AUGE, 1994, pp. 77-78).</p>

Folha	Linha	Onde se lê	Leia-se
40	1232	<p>Ligando o que Bauman sugere ao glocal verifica-se que a questão do global e local e a velocidade das informações está defasada em uma condição de entendimento e com o referencial distorcido.</p> <p>Incapazes de reduzir o ritmo estonteante da mudança, muito menos prever ou controlar sua direção, nos concentramos nas coisas que podemos, acreditamos poder ou somos assegurados de que podemos influenciar; tentamos calcular e reduzir o risco de que nós, pessoalmente, ou aqueles que nos são mais próximos e queridos no momento, possamos nos tornar vítimas dos incontáveis perigos que o mundo opaco e seu futuro incerto supostamente tem guardado para nós, comenta Bauman (2007).</p> <p>Podemos dizer que se por um lado ele é a forma mais acertada de propagar a informação e as imagens de forma rápida e com um gregarismo acima da média em termos de capital, por outro lado ele está praticamente atrelado à necessidade de difusão e propagação do próprio capital na forma de imagem e informação.</p>	<p>Ligando o que Bauman sugere ao glocal verifica-se que a questão do global e local e a velocidade das informações está defasada em uma condição de entendimento e com o referencial distorcido.</p> <p>Podemos dizer que se por um lado ele é a forma mais acertada de propagar a informação e as imagens de forma rápida e com um gregarismo acima da média em termos de capital, por outro lado ele está praticamente atrelado à necessidade de difusão e propagação do próprio capital na forma de imagem e informação.</p>

Folha	Linha	Onde se lê	Leia-se
52	1502	Com a chegada da televisão ao Brasil em 1950, mas difundida na década de 1970 por causa da Copa do Mundo de futebol, quando o país foi tricampeão, o governo sentiu a necessidade de usar esse meio para incentivar a onda de euforia, deixando à parte os acontecimentos militares da época.	Com a chegada da televisão ao Brasil em 1950, havia a necessidade de anunciar produtos que solucionassem problemas mas seu uso foi voltado para a Copa do Mundo de futebol de 1970, quando o país sagrou-se tricampeão; o governo sentiu a necessidade de usar esse meio para incentivar a onda de euforia, deixando à parte os acontecimentos militares da época.

PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

**DROMOLOGIA, DROMOCRACIA NO CONTEXTO
DA CIVILIZAÇÃO CIBERCULTURAL:
A VELOCIDADE COMO IMPERATIVO DA VIDA SOCIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado em Comunicação da Universidade
Paulista – UNIP, para a obtenção do título de
Mestre em Comunicação, sob orientação do
Prof. Dr. Jorge Miklos.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jorge Miklos

Universidade Paulista - UNIP

Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino

Faculdade Cásper Líbero

Prof. Dr. Maurício Ribeiro da Silva

Universidade Paulista – UNIP

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, meu irmão, minha esposa Ana Paula e aos meus filhos Cecília e Gabriel, sempre caminhando juntos.

IN MEMORIAM

A vida imita a arte ou será o contrário. Não importa a ordem, o que importa é
que a levemos com dignidade e paixão. Ele era um apaixonado pela arte.
Mestre artesão das escolas italianas onde a pressa não existia;
existia apenas a contemplação.
Meu terceiro exemplo de vida.

Mario Finotti ✧1911 †2012

AGRADECIMENTOS

No início de uma caminhada nunca sabemos bem ao certo que rumo tomar e como nele seguir. Quando colocamos nosso futuro em jogo em favor daqueles que estão à nossa volta, o fardo fica mais pesado, porém recompensador. Os momentos de reflexão para continuar me deram a certeza de estar caminhando para o que nos preparamos; sem a total compreensão se estava realmente pronto resolvi tocar em frente. Em primeiro lugar, agradeço a UNIP e ao programa da CAPES por proporcionar a concessão de uma de bolsa. Aos meus pais, exemplos de vida e força, Maria Henriqueta e Genézio. Sem o suporte presencial diversas etapas até este ponto não seriam possíveis. À minha esposa e companheira incondicional, Ana Paula, sempre em todos os momentos de minha vida, para deixarmos um legado aos nossos filhos. A eles, Gabriel e Cecília, deixo a certeza de que o aprendizado pelos livros e exemplos é crucial para um futuro melhor e promissor. Aos meus avós (in memoriam) que, com a paciência de sábios, nos momentos certos e nas horas precisas tinham palavras de carinho e aconchego. Aos professores doutores Malena Segura Contrera, Maurício Ribeiro e Fernanda Maurício: a vocês fica meu humilde agradecimento pessoal e profissional; levarei a lembrança dos três para sempre. Aos amigos de turma, André, Carla, Maurício, Aiello, Karolina, Francisco, Vanêr e Anderson, e tantos outros que passaram e deixaram alguma contribuição. Obrigado a todos por compartilharem momentos felizes na academia. Registro minha enorme gratidão ao meu irmão Nelson, que apesar da distância geográfica, nunca estivemos tão juntos. Ciente das dificuldades que a vida às vezes nos impõe, não mediu esforços para este projeto ser realizado, sempre depositando confiança em tudo. Por fim, um agradecimento mais do que especial ao Prof. Dr. Jorge Miklos, alma generosa, amiga e tão destacada, que faz o efeito de pequenas palavras se tornar gigantesco em todos os momentos, e por depositar em mim tudo aquilo que eu podia descobrir, e acreditando que eu poderia tocar o projeto adiante. Muito obrigado de coração.

Quanto mais nossa vida depender de nós mesmos, tanto mais tomamos consciência de todos os aspectos de nossa experiência. E cada vez que devíamos recuar enquanto atores sociais, nós nos fortalecíamos como sujeitos pessoais. Só nos tornamos plenamente sujeitos quando aceitamos como nosso ideal reconhecer-nos – e fazer-nos reconhecer enquanto indivíduos – como seres individuados, que defendem e constroem sua singularidade, e dando, através de nossos atos de resistência, um sentido à nossa existência.

(Alain Touraine)

RESUMO

A velocidade está presente na vida social da humanidade desde que os processos de transformação produção/mercado exigiram que o homem se adaptasse ao devir e que esse engendramento o colocaria numa condição funcional da máquina mercadológica das grandes corporações. O envolvimento discreto só é percebido quando a dependência se torna crítica e é nesse momento que uma análise se faz necessária. O objeto central da dissertação é a dromologia e dromocracia. O problema de pesquisa baseia-se na indagação sobre as transformações – quais, por que, quando, como e com quais consequências – ocorridas na sociedade a partir do momento em que a aceleração se converteu, nesses domínios, um vetor socialmente majoritário e predominante. Nesse contexto, quais os aspectos comunicacionais da dromocracia, seus modelos compactados e acelerados de função comunicativa. E quais as resistências frente à lógica dromocrática. As hipótese iniciais davam conta de que a cibercultura como “espelho” de nossa época fosse marcada pela violência e assim sendo dentro desse processo de espelhamento social diferenciando excluídos e excludores. Os excluídos, leiamos os consumidores de baixa renda, não conseguem acompanhar a velocidade com que a tecnologia avança e os excludores, leiamos as grandes corporações, não permitem que os excluídos participem dessa corrida pela inovação. Virilio politiza, assim, desde os pressupostos elementares da elaboração teórica, não somente a democracia, mas primordialmente o seu pilar processual, a velocidade. A metodologia da pesquisa é de caráter bibliográfico exploratório. Não foi nossa pretensão esgotar o assunto, nem considerar essa abordagem como acabada. Dromologia e Dromocracia são fenômenos permeados de grande densidade e complexidade epistemológica, teórica e histórica, passam por um momento de transformações viscerais, as quais ainda em processo de mudança de qualidade, não se adequando a estudos cabais e definitivos. O referencial teórico do projeto está diretamente ligado a autores que engendram a Teoria Crítica da Sociedade Comunicacional e seu vetor civilizatório hodierno, a cibercultura entre eles destacamos Paul Virilio e Eugênio Trivinho.

Palavras-chave: Cibercultura, Dromologia, Dromocracia, Velocidade, Movimentos Slow.

ABSTRACT

The speed is present in social life of humanity since the transformation processes of production/market demanded that man to adapt to emerging and that this engendering would put it in a functional condition of machine marketable of large corporations. The discrete involvement can only be realized when the dependence becomes critical and it is at this moment that a review is necessary. The central object of the thesis is the dromology and dromocracy. The research problem is based on inquiry about the transformations - what, why, when, how and with what consequences - that have occurred in society from the moment in which the acceleration became, in these fields, a vector socially majoritarian and predominant. In this context, what the communicational aspects of dromocracy, compressed and accelerated its models of communicative function. AND what the resistances ahead the logic dromocratic. The initial hypothesis gave account of the cyberculture as "mirror" of our era was marked by violence and thus being within this mirroring process differentiating social excluded and excluders. The excluded cannot keep up with the speed with which technology is advancing and the excluders do not allow those who are excluded from participating in this race by innovation. Virilio means politicizing, as well, since the basic assumptions of the theoretical elaboration, not only democracy, but primarily your pillar procedure, the speed. The research methodology is of bibliographical character exploratory. It was not our desire overwhelms the subject, nor consider this approach as finished. Dromology and Dromocracy phenomena are imbued with great density and complexity epistemological, theoretical and historical, pass through a time of visceral transformations, which is still in process of change of quality, is not tailoring the studies conclusive and definitive. The theoretical framework of the project is directly connected to the authors that engender the Critical Theory of Society and its vector Communicational civilizing today, cyberculture among them we highlight Paul Virilio and Eugenio Trivinho.

Keywords: Cyber culture, Dromology, Dromocracy, Speed, Slow Movements.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - Propaganda Fusca série Prata. Ano de 1980	48
FIGURA 02 - Propaganda Volkswagen Fusca Geração 76. Ano de 1976	49
FIGURA 03 - Propaganda Arno. Batedeira elétrica. Anos 1950	50
FIGURA 04 - Propaganda Natal Elétrica S.A. para a Philco. Ano de 1954	51
FIGURA 05 - Propaganda Epel Ltda. Figura as datas de 1947 à 1951	53
FIGURA 06 - Propaganda Walita. Bolos em 41/2 minutos. Anos de 1950	56
FIGURA 07 - Propaganda Arno. Mais conforto mais elogios. Anos de 1950	57
FIGURA 08 - Propaganda Walita. Ganhei. Ano 1957	58
FIGURA 09 - Propaganda Petroleo <i>Sunflower</i> . Fogão <i>Vaccum</i> . Ano de 1927	59
FIGURA 10 – Logo Unibanco. Nem parece banco. Ano de 1990	61
FIGURA 11 – Tela do filme "Lista", para o varejo do Unibanco. F/Nazca. Ano de 1990	62
FIGURA 12 – Propaganda Unibanco. O Micro 30 Horas e a Internet 30 Horas. Agência Talent. Ano de 1991	63
FIGURA 13 – Tela da propaganda de televisão Casas Bahia com o ator Fabiano Augusto. Anos 2000	65
FIGURA 14 – Propaganda Speedy. Acelerador Speedy. Anos 2000	67
FIGURA 15 – Propaganda Speedy. Speedifique com a Telefonica. Ano de 2005	68
FIGURA 16 – Reportagem do Portal UOL acerca do Speedy. Ano de 2011	70
FIGURA 17 – Propaganda parodiando o Black Friday americano. Ano de 2013	73
FIGURA 18 – Post do <i>Facebook</i> sem autoria para o dia do Black Friday Brasil. Ano de 2013	74
Figura 19 – <i>Alice in Wonderland. Fantasy computer animation comedy adventure Film. Rabbit Concept art</i>	75
Figura 20 – Garotas <i>Amish</i> com uma visão mais atual. Pensilvânia, EUA. 2010	83
Figura 21 - Comunidade <i>Amish</i> . Lancaster, Pensilvânia, EUA. 2010	84
Figura 22 - Comunidade <i>Amish</i> . Lancaster, Pensilvânia, EUA. 2010	85
Figura 23 - Tela do desenho animado comemorativo dos 50 anos dos <i>Jetsons</i> . Ano de 2012	88
Figura 24 – Logo da Família <i>Jetson</i> . Ano de 1987	89

LISTA DE FIGURAS

Figura 25 - Obra de <i>Andrew Kolb</i> . Ano de 2008	90
Figura 26 - Tela do desenho animado. <i>Jetsons meet Flintstones</i> . Ano de 1987	91
Figura 27 - Print da tela do site Città Slow. Ano e 2013	96
Figura 28 - Print da tela do site Città Slow. Ano de 2013	98
Figura 29 – Ilustração da forma de Ouroboros	100

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	19
2. A DROMOLOGIA E A DROMOCRACIA NO CONTEXTO DA CIVILIZAÇÃO CIBERCULTURAL	21
2.1. Dromologia	22
2.2. Dromocracia	36
3. ASPECTOS COMUNICACIONAIS DA DROMOCRACIA	44
3.1. Primeiro período: modelos conservadores de função Comunicativa	45
3.2. Segundo período: modelos compactos e acelerados de função comunicativa	60
4. A RESISTÊNCIA DOS “SLOW” FRENTE À LÓGICA DROMOCRÁTICA	75
4.1. Os movimentos <i>Slow</i> como aproximação do bem estar	77
4.2. O paradigma dos Jetsons e dos Flintstones	88
4.3. O perder tempo não significa ser vazio	92
4.4. Paradigma com nuances de verdade	95
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	103

1. INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação de mestrado é desenvolver uma compreensão pelo viés comunicacional sobre as repercussões do vetor da velocidade nos diferentes campos de atuação humana em especial na propaganda, procurando desenvolver um panorama teórico-interpretativo detalhado sobre as transformações sociais culturais e comunicacionais pelas quais vem passando a sociedade ocidental na atual configuração social-histórica e tecnológica.

A lógica da velocidade tornou-se um imperativo e uma obsessão da vida social contemporânea condicionando uma rápida e impressionante suplantação das distâncias, diminuindo literalmente o tamanho do planeta. Trata-se da dromocracia.

O conceito de dromocracia, assim como o de dromologia, devem ser creditados ao conjunto da obra de Paul Virilio, pioneiro ao propor o tema da velocidade. Virilio vai considerar a velocidade como valor a partir do advento da revolução técnica e de sua conexão com a revolução política. Nesse sentido, se a lógica da riqueza se expressa numa economia política, a lógica da corrida se explicitaria numa concepção teórica capaz de articular velocidade e política. É essa articulação que Virilio tenta construir.

O objeto central da dissertação é a dromologia e dromocracia. Dromos é um prefixo grego que designa a ação de correr, mas pode ser identificado também com velocidade, rapidez, agilidade. Desse modo, dromologia é a lógica da corrida, da velocidade, e dromocracia, o respectivo regime. Em outros termos, dromologia é o modo de perscrutar a sociedade pelo prisma da velocidade.

O problema de pesquisa baseia-se na indagação sobre as transformações – quais, por que, quando, como e com quais consequências – ocorridas na sociedade a partir do momento em que a aceleração se converteu, nesses domínios, um vetor socialmente majoritário e predominante. Nesse contexto, quais os aspectos comunicacionais da dromocracia, seus modelos compactados e acelerados de função comunicativa. E quais as resistências frente à lógica dromocrática.

Nossas hipóteses iniciais davam conta de que a cibercultura como “espelho” de nossa época é marcada pela violência e assim sendo dentro desse processo de espelhamento social diferencia excluídos e excludores. Os excluídos não conseguem acompanhar a velocidade com que a tecnologia avança e os excludores não

permitem que os excluídos participem dessa corrida pela inovação. Virilio politiza, assim, desde os pressupostos elementares da elaboração teórica, não somente a democracia, mas primordialmente o seu pilar processual, a velocidade (TRIVINHO, 2007). Coloca-se em seu lugar o par de opostos “novo-obsoleto”. Sabemos então que o efeito principal da dromocracia é a questão do ser ou não ser veloz.

A metodologia da pesquisa é de caráter bibliográfico exploratório. Não foi nossa pretensão esgotar o assunto, nem considerar essa abordagem como acabada. Dromologia e Dromocracia são fenômenos permeados de grande densidade e complexidade epistemológica, teórica e histórica, passam por um momento de transformações viscerais, as quais ainda em processo de mudança de qualidade, não se adequando a estudos cabais e definitivos.

O referencial teórico do projeto está diretamente ligado a autores que engendram a Teoria Crítica da Sociedade Comunicacional e seu vetor civilizatório hodierno, a cibercultura. Entre eles destacamos Paul Virilio e Eugênio Trivinho vem tratar além da questão da velocidade nas sociedades modernas em Dromocracia Cibercultural. O crescimento econômico e da violência social nos leva a crer que o empenho em simular um bem estar entre ambos não reflete a contribuição pensamento coletivo atribuído a uma cultura. Esse esforço em acompanhar tudo tão depressa e essas transformações em todas as camadas e setores sociais nos forçam a adaptação dos tempos. Ou seja, as transformações individuais, sociais e possivelmente globais, são classificadas como dromoaptidão, ato de organizar as informações desde a velocidade conquistada bem como suas taxas de manutenção.

A dissertação estrutura-se em três capítulos. No primeiro capítulo é verificar a imbricação da dromologia e dromocracia no contexto da civilização cibercultural. A partir dos conceitos desenvolvidos por Paul Virilio e posteriormente por Eugênio Trivinho a velocidade será analisada como fenômeno social de impacto direto sobre o modo de vida contemporâneo com forte interdependência com os avanços tecnológicos comunicacionais.

O segundo capítulo procura analisar aspectos comunicacionais da dromocracia, ou seja, de que maneira as propagandas sofrem influência e influenciam simultaneamente a sociedade dromocrática.

O terceiro capítulo procura abordar os movimentos contra hegemônicos surgidos nas décadas mais recentes e de forma mais silenciosa evidenciam que há uma preocupação emergente em desacelerar.

2. A DROMOLOGIA E A DROMOCRACIA NO CONTEXTO DA CIVILIZAÇÃO CIBERCULTURAL

[...] Recordo que se tempo é dinheiro, velocidade é poder, delegação de poder, a máquina - Paul Virilio (Paul Virilio: Pensar a velocidade. Extratos selecionados do filme de Stéphane Paoli para o Canal Arte, 2009).

O conceito de cibercultura, tal qual seu derivativo, cultura, é polissêmico. O conceito mais comum acerca da cibercultura é o conjunto de práticas e representações que surge e se desenvolve com a crescente mediação da vida cotidiana pelas tecnologias de informação e, assim, pelo pensamento cibernético. A cibercultura dialoga com os conceitos firmados nas décadas passadas ou apenas os usa como suporte para o domínio do capital, e o próprio domínio exerce a função coercitiva de poder instaurado nas cadeias ciber-tecnológicas?

A cibercultura pode ser entendida como uma formação histórica de cunho prático e cotidiano, cujas linhas de força e rápida expansão, baseadas nas redes telemáticas, estão criando, em pouco tempo, não apenas um mundo próprio mas, também, um campo de reflexão intelectual pujante, dividido em várias tendências de interpretação (RÜDIGER, 2011, p. 7).

As questões relacionadas dentro desse ambiente não podem ser imediatamente respondidas, pois sempre está se construindo algo de relativo, e há as resistências frente às novas tecnologias. No entanto, há conceitos a serem compreendidos e nesses estudos tomamos os conceitos de velocidade e violência no contexto da cibercultura; devemos primeiramente compreender como estão presentes nos estudos acerca da Dromologia, firmado por Paul Virilio. Quando o autor percebeu que a velocidade acarreta mudanças consideráveis de estado e poder, nos mostra em seus estudos, que a velocidade é igualmente um imperativo da modernidade, ao mesmo tempo uma forma simbólica de violência e exclusão.

Ela, a velocidade, serve como ponto de partida para analisar uma das forças do contexto cibernético no qual todos estamos inseridos; e de algum modo nos aproveitamos dela em nosso favor ou de outros, determinando as classes de dominadores e dominados. As considerações acerca da velocidade e violência como relação de força motriz da sociedade estão permeadas por um ambiente simbólico, que parece ser uma das mais poderosas armas de coerção da cibercultura. Para isso, há na Dromologia, o estudo da força que a velocidade fez o advento da Revolução Industrial tomar rumos jamais vistos, políticos, econômicos e sociais.

2.1. Dromologia

Do pensamento estratégico acerca da velocidade Paul Virilio, urbanista francês e profundo estudioso do tema velocidade, aponta os efeitos desse vetor nas relações sociais. Ele percebeu que a velocidade acarreta mudanças consideráveis de estado. E afirma: “Onde estamos quando viajamos? Qual é esse 'país da velocidade' que nunca se confunde exatamente com o meio atravessado?” (VIRILIO, 1977, p. 9).

A Dromologia cunhada pelo autor se define como estudo da velocidade; a lógica da corrida. Pode-se afirmar então que há uma equação fácil de entender e prática de ser vista. O valor percebido da riqueza é determinado pela velocidade.

... vai considerar a velocidade como valor a partir do advento da revolução técnica e de sua conexão com a revolução política. Nesse sentido, se a lógica da riqueza se expressa em uma economia política, a lógica da corrida se explicitaria em uma concepção teórica capaz de articular velocidade e política (VIRILIO, 1977, pp. 10-11).

Atributo que ronda a sociedade, a Dromologia ora apresentada, considera que a velocidade é fator principal do advento da revolução política, pois além de permitir o processo de produção se acelerar, ao mesmo tempo destrói esses processos em proporções iguais ou mesmo maiores. Segundo o autor, a riqueza se norteia pela economia política, e a velocidade com que essas relações se intermeiam a essa lógica da corrida é capaz de articular velocidade e política. A relação é bem analisada em seu livro; *Velocidade e Política* (1977). Nele, mapeia seu pensamento em quatro partes distintas mas entrelaçadas: A revolução dromocrática, O progresso dromológico, A sociedade dromocrática e o Estado de emergência, que por ora não nos cabe detalhar.

Com a Revolução Industrial, de 1760 a 1840, diversas mudanças sociais, econômicas e tecnológicas forçaram nações a serem mais velozes, acontecendo o inevitável; o encolhimento do mundo. As distâncias foram reduzidas a ponto de não haver distância capaz de isolar nações. A revolução informacional e os movimentos globalizantes se tornaram os grandes influenciadores desse processo. O “Estado de emergência” passou a ser a vilão da vez.

A cegueira da velocidade dos meios de comunicação da destruição não é uma libertação da sujeição geopolítica e sim o extermínio do espaço como campo da liberdade de ação política (VIRILIO, 1977, p. 130).

Sendo o ciberespaço que ora é colocado à baila, surgiu no campo da ficção e posteriormente engajado no campo crítico, e foi absorvido pelas grandes potências e corporações e eles mesmos detentores do capital e da informação, determina-se assim o norte da sociedade.

[...] o conceito de ciberespaço. Sabe-se que a noção surgiu não no campo do pensamento crítico, mas antes no universo ficcional. O escritor de literatura científica William Gibson inaugura o termo em seu romance *Neuromancer*, de 1984. Não me parece casual que uma expressão oriunda do universo do *science fiction* venha estabelecer-se como noção corrente das interpretações teóricas sobre a natureza das redes de computadores. Aqui é o imaginário que dá as cartas ao conceitual. FELINTO, E. *A religião das Máquinas*. Porto Alegre: Sulina, 2005 (página 56).

Na utopia proposta por Wiener, o mundo da cibernética é livre, sem governo e sem líder. O poder da mais-valia dá as cartas. A velocidade do que acontece hoje influencia o passado e determina o que acontecerá no futuro. Destarte, Wiener assevera que há diferenças e falhas nas mensagens e nos comandos. O propósito da Cibernética é desenvolver linguagens e técnicas que realmente nos capacitem. O culto ao progresso como se deseja deteria nas barreiras do real e ético, pois passa por padrões de aprovação e desaprovação.

Divisando as barreiras e colocando o real em pauta, o progresso em eras passadas foi alicerces para a criação de técnicas de como dominar o meio ambiente e o próprio homem. A ética estaciona na consciência do certo e errado para a absolvição ou provação. As chamadas senhas info-tecnológicas que Wiener e outros teóricos apregoaram em seus estudos, na qual o domínio da técnica em detrimento da perda de significação de uma sociedade, em que essa supremacia em dirigir e governar as ações de outrem pela imposição da obediência, a dominação.

O tempo que agora se reduz pela velocidade dos fatos, permite moldar outro conceito acerca do espaço/velocidade. Na física, o espaço é determinado pela velocidade vezes tempo, teoria que corrobora os conceitos firmados por Virilio, determinando que a velocidade é primordial na vida social.

Aspectos da velocidade elencados por Virilio estão intrinsecamente conotados na cibercultura, assunto para intensos estudos. Um dos pontos principais é procurar

compreender as relações que tensionam esse poder. Virilio mostra que a valoração da velocidade muda de sentido quando o valor capital é ultrapassado pela aceleração.

[...] a velocidade vai se afirmando como ideia pura e sem conteúdo, como puro valor, que ameaça ultrapassar até mesmo o valor do capital (VIRILIO, 1977, p. 11).

Para entender esse mecanismo de aceitação basta verificar como a metodologia é praticada; de forma invisível e assim, é tão perversa que o dominado não sente e ao mesmo tempo se torna subserviente do dominador.

A manobra que consistia ontem em ceder terreno para ganhar tempo perde todo o sentido; atualmente, o ganho de tempo é questão exclusivamente de vetores, e o território perdeu seu significado ante o projétil. De fato, o valor estratégico do não-lugar da velocidade suplantou definitivamente o do lugar e a questão da posse do tempo renovou a da posse territorial. Assim, a guerra e a política não são mais travadas pelo controle e ocupação do espaço, mas pelo domínio do e no tempo (VIRILIO, 1977, p. 13).

Apenas uma parcela é afetada por essa dominação. Se se tomar pelo todo o dominado se torna declaradamente o próprio escravo. Não seria esse o totalitarismo ao qual Virilio se refere no desenvolvimento do controle estatal sobre as massas, e que se conserva firme e constante durante o século XX apesar de todas as transformações vividas.

Germán Llorca em seus estudos sobre Paul Virilio fez considerações acerca da velocidade como ponto de regulação da vida social. Nas palavras do próprio Virilio: “*La guerra fue mi universidad*” (ABAD, 2010, p. 358), e Llorca mostra preocupação em verificar que as estratégias da guerra foram uma das bases para a construção de um modelo urbanista. Por meio desse cenário de guerra Virilio monta a estrutura, o método de território e população.

Após vários caminhos percorridos pela arquitetura no campo populacional, percebe-se a preocupação em dar um sentido ao desenvolvimento humano. Procura verificar como o homem compreende seu espaço, ou seja, a centralidade dos elementos da comunicação em razão dos elementos arquitetônicos.

Para ele, a arquitetura moderna gera incomunicação, e ela mesma, com todos os seus adereços, propicia as mutações sociais, em um processo alarmante. A convergência dos centros urbanos que servia de ponto de partida de todo elemento de comunicação já não o é mais, pois a descentralização que ora é feita pelos aparatos tecnológicos fez a ponte entre as distâncias. A velocidade com que as

informações necessitam correr pelos embriões eletromagnéticos encurtou as distâncias; ao mesmo tempo não há interação entre as pessoas.

Virilio verificou na diversidade dos elementos da velocidade e tempo que a principal preocupação é, a importância política da velocidade e sua relação com o espaço por isso não se pode construir um espaço se não se reconhecer a função do tempo como fator questionável. Agregue-se a isso a tomada do poder. Verifica-se nesse ponto que a Dromologia é concebida como o estudo do impacto da velocidade dos transportes e das comunicações no desenvolvimento dos territórios e das cidades contemporâneas e a força exercida.

A partir desse panorama Virilio iniciou a análise da velocidade como fator de mudança social. Verificou que esses agenciadores marcaram fortemente a sociedade moderna. O imperativo da velocidade que ora é celebrado como a promessa de rapidez, fez crer que a possibilidade do deslumbramento dos aparatos exerce forte sensação de realizar sonhos de consumo e ao mesmo tempo passa a ser quem conduz e avalia o poder. Mais uma vez se verifica que o tempo é valor social no mundo contemporâneo.

O conceito de riqueza não é mais referência como agregador de valor. A velocidade é o valor principal nas relações humanas e assim explica os rumos de nossa civilização. A lógica mais creditada é aquela que quanto mais rápido for o acúmulo, mais rápido será o descarte, pois o movimento se faz presente e em constante movimento para o novo. Para Virilio, quanto maior o fluxos de pessoas circulando, maior o poder sobre elas.

Na corrida capitalista das grandes corporações de mídia, verificam-se o surgimento de canais de informação acelerados por correntes elétricas de *bits* e *bytes* dos computadores. O efeito global tornou possível a difusão das novas tecnologias na comunicação; a partir da década de 1990, possibilitou a participação das diversas sociedades no cenário mundial.

A cibercultura traz a ilusória promessa que por meio das tecnologias informacionais em rede, se promove e se incentiva o livre fluxo das informações como expoente da democracia.

A partir desse axioma de troca de informações e conhecimento entre as sociedades, que caminham tentando aproximar as pessoas (pelo jornal, rádio, televisão), parece que o ser humano ávido por conhecimento, (avidez com frequência

confundida com querer saber tudo e muito rapidamente), esqueceu-se do aprendizado lento e conciso.

Se até o momento a relação de comunicação não passava de notícias; nos mais diferentes veículos de comunicação, a expansão do uso dos novos meios permite desenvolver novas relações mediáticas. O que favorece a comunicação alternativa e seu poder de ação, rápida e largamente pulverizado. O aparato eletrônico midiático torna o homem fragilizado, por saber que nada é absolutamente certo e inquestionável. O novo fluxo comunicacional, faz as pessoas deixarem de lado a própria consciência e se deixam invadir pelo imaginário, que ao mesmo tempo é coletivo. Adorno (1999) traz esse conceito quando diz que o ócio do homem é amplamente utilizado pela indústria cultural e impede o homem de ser autônomos e independentes e capazes de terem seu próprio julgamento acerca do todo.

Incessantemente as informações são trocadas e atualizadas em velocidade quase imediata. A verdade nem sempre corrobora os fatos; e mesmo quando é verdade, acaba gerando dúvidas.

Para bem entender essa manifestação na cibercultura vale lembrar que com o advento das tecnologias informacionais, Bauman (2007) apresenta a ideia de sociedade aberta, mas se viu o oposto. Uma sociedade carregada de medos, desenganos, infeliz e vulnerável, por forças longe de seu alcance, as quais nem as compreende totalmente. Por esse motivo, tudo é mediado pela pressão do tempo instaurado pelo capital de consumo. Necessidade social pelo novo e a celeridade na produção, mudam o tempo do coletivo e o seu comportamento.

Bauman (2007) assinala que a incapacidade de reduzir o ritmo estonteante da mudança e menos ainda prever ou controlar sua direção, provoca a concentração naquilo que se pode influenciar:

Incapazes de reduzir o ritmo estonteante da mudança, muito menos prever ou controlar sua direção, nos concentramos nas coisas que podemos, acreditamos poder ou somos assegurados de que podemos influenciar; tentamos calcular e reduzir o risco de que nós, pessoalmente, ou aqueles que nos são mais próximos e queridos no momento, possamos nos tornar vítimas dos incontáveis perigos que o mundo opaco e seu futuro incerto supostamente tem guardado para nós (BAUMAN, 2007, p. 17).

Os conceitos culturais são mediados pelas mais diversas teorias; na cibercultura não seria diferente dos demais campos sociais. O conceito mais comum acerca dela, a cibercultura, é ser entendida como relação de troca entre a sociedade,

a cultura e as novas tecnologias digitais oriundas do final da década de 1960. Ainda nesse pensamento, a tecnologia engendrada na teia seria a forma mais rápida de independência, e que pelas vias libertárias aproxima as pessoas; justamente o contrário quando ela ao mesmo tempo escraviza pelo simples fato de que quem domina a velocidade das informações, domina uma sociedade.

O tempo não é uma coisa que se mede com um pêndulo. O tempo é algo que construímos juntos em uma tribo, em uma família, em uma região. O tempo é ecossistema. O tempo é um espaço de tempo, não podemos falar do tempo como emprego do tempo sem falar do espaço, isto é, a sociabilidade que circunda a temporalidade. Logo, o tempo ganho, o tempo rápido, o tempo do ao vivo, do efêmero, o tempo das cotações, não é um tempo socializante, é um tempo de ruptura, 'dessocializante'. Não é um tempo longo de composição, de concentração, de reflexão, é um tempo de reflexo e de reação que se torna cada vez mais violento. A velocidade é uma violência.¹

A cibercultura dialoga com os conceitos firmados nas décadas passadas ou os usa como suporte para o domínio do capital, e esse domínio exerce a função de violência e poder instaurado nas cadeias ciber-tecnológicas. As questões relacionadas a esse ambiente não podem ser imediatamente respondidas, pois ele sempre está em mutação e há resistências frente às novas tecnologias. No contexto da violência, Paul Virilio apresenta em seus estudos, que a velocidade é imperativo da violência dentro da cibercultura, e ao mesmo tempo uma forma simbólica de exclusão. Sabe-se que há avanço significativo nos sistemas comunicacionais e certamente existem exclusões, e assim os conceitos devem ser revistos.

No que afirma Virilio (1977), Eugênio Trivinho, em seu livro “A Dromocracia Cibercultural” considera que a velocidade transformou-se no valor estratégico para a reprodução do capitalismo, imperativo para inclusão social e, ao mesmo tempo mecanismo de exclusão. Os ágeis conseguem navegar nos quadros sociais, os lentos são sumariamente excluídos. Se a lógica da riqueza se expressa em uma economia política, a lógica da corrida se explicitaria em uma concepção teórica capaz de articular velocidade e política. O binômio inclusão/exclusão engendrado pelos vetores civilizatórios dromocráticos configuram um arranjo social no qual a violência é o seu principal signo.

¹ VIRILIO, Paul. A Bomba Informática. Entrevista publicada no jornal O Estado de S. Paulo. Disponível em (<http://www.estadao.com.br/ext/frances/viriliop.htm>).

Pelo fato de a velocidade de transformação ser a condição básica da cibercultura, ela explica a sensação de impacto, independência momentânea e exterioridade que tentamos assimilar mentalmente, a compreensão total de suas ferramentas. O método de trabalho foi alterado, as formas de aprendizagem ficaram obsoletas com o advento tecnológico que com um apertar de botão seus problemas estão resolvidos.

A cibercultura se firma nesse aspecto na qual a mudança dos processos técnicos é subjugadas pelos aparatos tecnológicos. A aceleração é tão intensa que se tomarmos as pessoas mais dromoaptas, elas mesmas muitas vezes se perdem e ao mesmo tempo estão em graus diversos na corrida transformatórias das especialidades e não conseguem seguir essas transformações de perto.

Vale ressaltar que, quando tratamos da acepção da palavra político, quer apenas dizer geopolítico; um lugar, pedaço de território podendo ser uma cidade, estado ou nação. Geopolítico como “geografia política”².

O paradigma do crescimento econômico e da violência social leva a crer que o empenho em simular um bem-estar entre ambos não reflete a contribuição do pensamento coletivo atribuído a uma cultura. O que se vive na corrida das tecnologias da informação é a destruição da sociedade, lenta e paulatinamente de uma visão social da vida social em uma totalidade das categorias quase o espelho do mesmo. Não basta ter a disposição de cultivar elos sociais, pois devem ser encarados como um construtivismo social de um todo dilacerado pelo capitalismo. Rüdiger (2002) pondera que; “a circunstância de a tecnologia estar a serviço do desejo de controle total e vigilância absoluta, do domínio do tempo e da distância, está cristalizando um imaginário criador de uma realidade virtual ou cultura tecnológica generalizada.” (RÜDIGER, 2002, pp. 14-15).

² Como é sabido, o termo espaço é utilizado em diversas acepções. Etimologicamente, segundo Houaiss (2001), o termo deriva-se do lat. *spatium*: espaço livre, extensão, distância, intervalo. O emprego do termo, mesmo em língua latina, relaciona-se também à acepção temporal, na qual se refere a espaço de tempo, duração, época, tempo. Em espanhol, o termo posteriormente adquire também o significado de lugar de passeio, passeio e, daí, pista e carreira. Com o passar do tempo, o termo espaço e suas traduções em diversas línguas adquire vários outros significados, seja como medida, oportunidade ou, mesmo, identificando posições objetivas a determinadas áreas do conhecimento ou divisões do trabalho como: extensão que compreende todo o Sistema Solar e o Universo (astronomia); campo claro que constitui a separação entre palavras de uma linha em texto impresso ou manuscrito (editoração). Neste estudo, especificamente, tratamos da acepção territorial, fundada nas dimensões físicas de altura, largura e profundidade, com as quais interage o sistema perceptivo (SILVA, Maurício Ribeiro. Na órbita do imaginário: comunicação, espaços e os espaços da vida, 2012 p. 111).

Depois de dois séculos, a economia prevalece sobre a política, inserida na sociedade, encontram-se em conflito e deixam de lado, encostados, boa parte do que vivenciamos. Exemplos devem ser elencados para haver nos problemas culturais o pensamento social e ao mesmo tempo nos organizarmos no espaço que o circunda.

No atual contexto social que ora é analisado, devemos estabelecer que as coletividades que aparecem diante do olhar no aspecto comunicacional configuram uma paisagem social e política. Essas configurações comunicacionais das redes sociais ou mesmo de informação, não sendo relevantes à designação, remetem a uma revolução tecnológica em que os resultados se apresentam de modo destoante. Apesar do distanciamento cronológico da Revolução Industrial na qual não se separavam as relações sociais das relações de produção, a produtividade era mais importante para elevar ao máximo a racionalização e a técnica com resultados em grande escala. Na Cibercultura, a interatividade e a produtividade ganham inéditas proporções; perde-se o controle sobre o que está sendo divulgado ou propagado, Não há uma aparente forma de controlar o que se divulga

Na outra ponta dos estudos acerca da velocidade e espaço, observa-se que os dois atributos estão sendo observados por uma outra vertente. David Harvey (2007) considera que o espaço/tempo organiza o social, não muito distante dos estudos de Virilio; por isso, a objetividade do tempo e do espaço varia de acordo com a necessidade social e imediata, do momento daquele grupo. Verifica-se que o tempo social e o espaço social são formados passo a passo e distintamente agregados em conceitos e práticas dromológicas. Harvey defende que a compressão espaço/tempo pode ser entendida como:

...processos que revolucionam as qualidades objetivas do espaço e do tempo a ponto de nos forçarem a alterar, às vezes radicalmente o modo como representamos o mundo para nós mesmos (HARVEY, 2007, p. 219).

No sistema capitalista, a modernização das práticas de produção e reprodução econômica e o novo formato de reprodução material e social; indicam que os processos qualitativos de espaço e tempo seguem o mesmo caminho da evolução ou

modernização da técnica. Com a mudança e evolução dos aparatos construtivos dessa técnica, as relações espaciais e temporais doravante evoluem rapidamente, causando impacto na sociedade.

O tempo de produção associado com o tempo de circulação da troca, forma o conceito do “tempo de giro do capital”. Este também é uma magnitude de importância extrema. Quanto mais rápida a recuperação do capital posto em circulação, tanto maior o lucro obtido. As definições de “organização espacial eficiente” e de “tempo de giro socialmente necessário” são formas fundamentais que servem de medida à busca do lucro – e ambas estão sujeitas a mudança (HARVEY, 2007, p. 209).

A experiência do espaço e tempo é condição para a evolução e nivelamento social em que se procura ajustar práticas e técnicas; nada mais do que uma condição de aprisionamento da técnica pela prática aplicada ou imposta por meio dos governos, supremacias raciais e culturais e voltadas à lógica do capital aqui descrita.

Os processos que incluem a velocidade e aceleração do tempo estão diretamente ligados à redução da distância, para o capital circular com maior fluidez. Os avanços das tecnologias de transporte; redes de comunicação dos mais diferentes formatos contribuem para essa eficiência e ao mesmo tempo deixam o planeta em uma condição global. Em linhas gerais, a percepção social do espaço-tempo não está neutralizada socialmente. A percepção espaço-tempo é definida por práticas sociais organizadas para a produção de bens de consumo.

Para Virilio, a velocidade será uma reflexão do tempo e da política. Ainda no contexto das relações virtuais espaço/tempo, Germán descreve:

Esta percepción incipiente acerca de los entornos virtuales e su relación con el espacio real, desembocará con el tiempo en una profunda crítica en sus trabajos más actuales sobre internet y los espacios virtuales que generan los medios de comunicación, en especial los llamados “de masas” (ABAD, 2010, p. 370).

O espaço local se subordina à geografia em rede do planeta. Sob essa reconfiguração desaparecem as percepções sensíveis do espaço e do tempo. Tudo acontece “aqui”. Tudo acontece “agora”.

Sob os imperativos da lógica do capital, os aparatos tecnológicos produzem modulação na percepção social. Quando isso ocorre em nome de interesses econômicos sem a aquiescência do social estamos diante de uma

experiência de violência simbólica. E o avanço ocorreu de tal modo que formatou um espaço/tempo virtual. Tudo vai depender da velocidade aplicada à sua necessidade.

O tempo ganhava uma aceleração que até então não se tinha conhecimento, e os momentos de crescimento súbito ou intensos por causa da velocidade, quebraram ou simplesmente transformaram uma estrutura imposta. A mudança de alteração de ritmo fez cortar as ligações no espaço e no tempo. A expansão das conformidades científicas, a revolução Industrial e as novas tecnologias levavam o homem a crer que a caminhada para o sucesso seria dada pelo vetor do progresso. Pelo viés da aceleração o Devir teria seu lugar tomado pelo Ser.

A velocidade e ferocidade com que a economia cresce a partir do século XIX, marca a fase de crescimento e aceleração do capital no rumo globalizatório do desenvolvimento acentuado e pontual da tecnologia a serviço do homem. É a superação da técnica pela tecnologia, uma totalmente diferente da outra em sua concepção.

Os meios de comunicação e transporte evoluíram radicalmente, e ao mesmo tempo houve um encolhimento radical das distâncias. As identidades passam por desafios em se manter e continuar com a mesma identidade e continuidade histórica. Com todas as mudanças ocorrendo, fragmentos de identidade são esquecidos ou apagados dentro de um espaço temporal na sociedade contemporânea.

Nos processos industriais para o aumento do capital, os modelos adotados por Taylor aplicados a partir de seus estudos de racionalização de tempo no trabalho foram largamente debatidos e contestados. Deveu-se ao fato de que o controle sobre o tempo em que um empregado trabalha vigiado está intimamente ligado ao seu desempenho. A busca de melhores métodos seria aplicada por meio de experimentações sistemáticas de tempos e movimentos.

No contexto organizador das atividades, tudo deveria ser planejado a fim de ser realizado eficiente e rapidamente, o denominado controle de tempos e movimentos. A vigilância e controle, porém, favoreciam os propósitos do capital na qual o trabalho executado com precisão e métodos simples e repetitivos, eliminaria gestos desnecessários anotados como tempo gasto. Por exemplo, o tempo que um empregado levava para procurar uma ferramenta aumentava o tempo da finalização do produto. Para ele, o conceito ideal era alcançar a automação para então atingir a produtividade indispensável.

Esse princípio denotado por Taylor foi usado posteriormente por Ford e adotado nas fábricas automotivas. A linha de montagem como ficou conhecida, sofreu mudanças: em lugar de o trabalhador se deslocar ao trabalho, o trabalho vinha ao operário, reduzindo o tempo gasto. A condição tempo/controle está explicitamente imposta, retrato do novo mundo, que será posteriormente vivido no ritmo veloz do progresso Industrial.

As tecnologias aplicadas ao trabalho para atingir os resultados nada mais faziam do que tornar o empregado uma máquina humana, subordinada aos interesses do capital. A padronização do modo de trabalhar, associada ao aumento de produtividade foi denominada “produção em massa”. Como a produção em série estava amalgamada no contexto social da época, os processos de produção se estandardizaram ou houve apenas a padronização do método. O trabalho em série castra todas as maneiras de pensar, e o homem perde sua capacidade de intimidade com o trabalho; sua responsabilidade fica fracionada à sua parte, e em contra partida oferece sem riscos de contestação ao capitalista maior eficiência para ampliar seu lucro.

A partir dos dois métodos de castração e racionalização do trabalho temos como certo que toda tecnologia de ponta, não importando a época, é sempre uma forma de controle. Ao estar intimamente ligada à produção, ao aumento do capital e à vigilância adotada frente aos trabalhadores os torna escravos de si e dos demais. Enfim, em todo o processo de acúmulo de capital, o controle é exercido por quem tem o poder; esse poder de controle, associado à vigilância, resulta no imperativo econômico. Mas o preço é alto: todo método em que predomina a imposição, ou apenas um lado sai favorecido, provoca uma crise. A partir desse modelo, há resistência em grande parte dos trabalhadores ao sistema de trabalho em cadeia, à monotonia e à alienação do trabalho.

O taylorismo e o fordismo tinham como objetivo a ampliação da produção em menor espaço de tempo e dos lucros dos detentores dos meios de produção pela exploração da força de trabalho dos operários. O sucesso desses dois modelos fez com que várias empresas adotassem as técnicas desenvolvidas por Taylor e Ford, por algumas indústrias até os dias atuais. O termo compressão espaço-tempo usado por Harvey (2007) foi amplamente aplicado nesses dois modelos de época, modelo rapidamente adaptado por vários segmentos da sociedade. Desse modo, com a aceleração constante do nosso modo de vida e a imposição de novos ritmos de

movimento, deslocamento e até ideias, colocou-se em risco a credibilidade das grandes corporações. Se por um lado, há tensões nas quais a velocidade é importante, por outro a banalização de tudo que se cria e inventa; converge para a morte prematura. A reestruturação das linguagens competindo com a velocidade num vetor próprio da sociedade moderna é ação relevante em um processo de socialização. A não integração e a falta de conhecimento causam exclusão quase imediata. Outra forma de exclusão pública, como na idade média.

Em contrapartida ao processo de aceleração surgem as patologias, não muitas vezes das mais agradáveis, decorrentes da necessidade em ser veloz. Verifica-se que, se a velocidade impera em nossas vidas, o estresse causado por esse vetor vai além da tranquilidade virtual aparentado pelas pessoas. O número de informações apenas mantém a aparência, por trás da qual está o ser humano, totalmente dilacerado em seu estado físico, emocional e racional, surgindo uma série de doenças: neurastenia, TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo), depressão e pânico. Baudrillard (1987) já comentava da esquizoidia pós-moderna, junção de sintomas de predisposição à esquizofrenia, tendo como preferência estar só, devanear, dificuldades de adaptação à realidade. As empresas nas quais a circulação de bens de capital é maior não podem caminhar em passos lentos; por conta disso, uma das mais recorrentes lesões por esforços aliados à velocidade é a Lesão por Esforço Repetitivo. TRIVINHO (2007) comenta:

Todas as enfermidades bioquímicas do “espírito” assim se põem desde pelo menos a segunda metade do século passado, porque, acima de tudo, são doenças forjadas pelos processos sociais dromológico – dromopatologias (TRIVINHO, 2007, pp. 47-48).

Em 2002, Francisco Rüdiger alertava para um problema sociológico crescente:

Na internet, as pessoas estariam descobrindo a possibilidade de construir suas próprias identidades se ajustando às outras. A tecnologia conteria a poder de transcender a consciência solipsística, que funda o conceito moderno de sujeito. O processo que ele se formava é descentrado, no momento em que os recursos com que se modela a ação cultural são pouco a pouco democratizados (RÜDIGER, 2002, p. 100).

Para o autor, a questão principal não é a aceitação, mas como essa relação deve ser travada no viés não tecnológico e sim no *modus operandi* da individualidade, psique e da própria existência. Não basta avaliar criticamente esse universo, aceitar

ou não as tecnologias, mas vê-las como um processo de construção do mundo, complementa Rüdiger.

Por fim, é a sentença de toda organização urbana sobre os corpos do imaginário dos viventes. A dromocracia cibercultural como questão política, é abstrata e tão violenta quanto o seu modelo de estado. Vimos que o direito burguês foi adotado dessa dinâmica. O Direito é fenômeno historicamente inevitável e transitório da sociedade de classes. Criou-se um sistema de normas coercitivas que refletem as relações econômicas e sociais de determinada sociedade. São sistemas de normas criadas e protegidas pelo poder do Estado da classe dominante, visando à sanção, à regulação e à consolidação das relações e, como consequência, o fortalecimento do domínio de uma classe. A violência perpetrada na sua forma mais pura de coerção, repressão e dominação.

O império da governança - temos que compreender e dominar muitas vezes em segundos - faz com que a simplicidade fique oculta em uma qualidade do que é violento, em ação ou efeito de empregar a força física ou intimidação moral contra uma ideologia marcada por essas características, não na forma de constrangimento físico ou moral, mas para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem, coação ou coerção a se manifestar pelo *modus operandi* de como é exercida. O princípio de a máquina ser superior ao homem, taxado como valor universal, se tornará uma tragédia ver que os meios superam os fins, a técnica sobre os valores da humanidade.

A necessidade visível de estar à frente e ao mesmo tempo sendo direcionado para o obsoleto completo, ajuda apenas à razão do capital. Não há a necessidade da convergência pura, precisa ser esquecida para que as novas gerações aparatadas tecnologicamente substitua o que funciona normalmente; e cada evolução é acompanhada e rapidamente substituída.

Hoje vivemos num estado de emergência decorrente das transformações vividas desde a Revolução Industrial quando o homem sentiu a necessidade de produção mecânica às manuais. O tempo girando ao seu favor era primordial. As distâncias foram estreitadas pelos mesmos aparato que nos colocam no lugar de não estar, mais uma vez o tempo é detentor de posse sobre os corpos, não no sentido territorial e sensorial, mas como matéria, o próprio lugar. Os vetores de distância/tempo sucumbem à velocidade.

Depois da época da relatividade política em que o Estado é um meio não condutor, trata-se agora da ausência de tempo da política da relatividade. A

descarga completa, temida por Clausewitz, produziu-se com o Estado de emergência. A violência da velocidade tornou-se, simultaneamente, o lugar e a lei, o destino e a destinação do mundo (VIRILIO, 1997, p. 137).

Na era do instante dos espaços virtuais, o espaço físico ao que parece passa a não ter mais valor de posse de lugar, o sedentarismo toma conta do ser e a imobilidade é resultado das transformações que o elemento máquina nos proporcionou. Para Virilio, podemos entender que o tempo em que o espaço vai se tornando oco ou propriamente um vácuo. É o tempo coordenando o espaço. A interatividade imediata sobre as atividades do cotidiano e talvez a interatividade instantânea sobre a atividade habitual e de forma diáfana sobre a visibilidade dos objetos.

Em outras palavras, o novo contexto eletrônico mediatizado reconfigura os elementos políticos, econômicos e militares, em constante atualização. Pela ótica da visibilidade na rede, as estruturas acerca dessa transparência são apresentadas como uma corrida de sobrevivência, ao passo que ocorre um fenômeno interessante de vigilância declarada, aceita em todas as camadas citadas. A tríade sobrevivência, terror e tecnologia vem ao encontro do fator velocidade como dominação. Trivinho (2007) ressalta:

Ao passo que, nas fases pregressas e recentes desse debate contemporâneo, os dados empíricos analisados condicionaram, acertadamente, relações temáticas umbilicais entre sobrevivência, tecnologia e terror, é imperioso reconhecer, nessa esteira, que, em simultaneidade ao dissuasivo terror tecnológico dos Estados democráticos desenvolvidos e às ameaças das facções terroristas e dos crackers do cyberspace, a dromocracia cibercultural e a bateria discursivo-publicitária que lhe embalam diuturnamente o modus operandi permitem, igualmente, ao seu modo, uma conjunção temática correlativa (TRIVINHO, 2007, p. 172).

O terror tecnológico é visto como coerção e com velocidade de informação. Virilio comenta que a velocidade como usada se torna fonte de poder. Confirmação sobre a força da tecnologia, gerando o terrorismo virtual. Trivinho acrescenta:

Entre outros fatores relevantes, a tendência de coação objetiva à periferia virtual – em razão da potência centrífuga da segregação cibercultural – sobre quem porventura esteja relativamente no centro das condições da época não representa senão uma modalidade particular de terror, espectral onipresente como todas as outras modalidades. O problema – nomeadamente, uma violência da técnica na forma de terror dromocrático – se evidencia tanto mais quanto se leve na devida conta, no sentido inverso, a carga social de compulsoriedade existente na necessidade de cumprimento ritual seja do imperativo do acesso primário e derivado e do domínio da sociossemiose plena da interatividade, seja da reciclagem periódica das senhas infotécnicas de acesso (TRIVINHO, 2007, pp. 172-173).

Todos controlando todos, sem a necessidade de estar obrigado a essa mecanicidade. Outra corrente mais otimista em relação aos aparatos tecnológicos reforça a ideia de que a tecnologia possibilita criar e recriar a ordem com mais espontaneidade e liberdade, e assim superar de alguma forma as limitações pessoais.

A vigilância e o controle, no centro das atenções da dromocracia que será em parte descrita a seguir. Com o advento da computação, essa vigilância troca seu modo de ver a realidade. E por esse motivo substitui as estruturas sem se abalar com capital investido, revestindo da forma mais perigosa.

2.2. Dromocracia

A dromocracia cibercultural enquanto questão política, é abstrata e tão violenta quanto o seu modelo de estado. Vimos que o direito burguês foi adotado dessa dinâmica. É, a rigor, um regime transpolítico - invisível como a violência da velocidade - erigido no contexto de um regime político tradicional e visível, a democracia (aqui tomada no sentido formal e abstrato, em seu modelo tipicamente estatal, herdado do direito burguês). Nessa perspectiva, a dromocracia cibercultural comparece, em palavras precisas, como um regime eclipsado na dinâmica tecnológica da democracia contemporânea (TRIVINHO, 2007, p. 101).

Aqui a primeira violência cibercultural, a *Dromocracia*. A governabilidade da velocidade. Ela é tão imponente que se faz presente e seu enraizamento é tão eficaz que se intitula como fenômeno invisível (TRIVINHO, 2007). Ao mesmo tempo em que se manifesta, age no inconsciente, um fator determinante. Denota a insatisfação e a necessidade de um controle das pessoas ou do estado. O “grau de abertura” da sociedade ganhou um novo brilho, jamais imaginado por (TRIVINHO, 2007, KARL POPPER, op. cit. 1994), que cunhou o termo *Openness*, referindo-se a uma sociedade incompleta, mas ao mesmo tempo ansiosa em atender às suas demandas inexploradas, continua o autor. A cibercultura está intrinsicamente ligada aos processos da sociedade, o espelho da nossa época marcado pela violência.

Coloca-se em seu lugar o par de opostos “novo-obsoleto”. Tal perversão transformada em crença justifica o descarte imediato de pessoas e coisas, restringindo sua vida útil a um período breve, após o qual atingem sua obsolescência. Tudo que não é novo tende a ser obsoleto e, portanto, destina-se ao descarte. Cria-se não apenas a crença na juventude e na novidade como categorias imutáveis, mas suas consequências práticas, ou seja, a diversidade de pessoas e objetos em

diferentes estágios e graus é eliminada (BAITELLO JR., 1998)³. Para as comunicações e as redes sociais a novidade vem sempre acompanhada de mais novidades. O paradigma do crescimento econômico e da violência social nos leva a crer que o empenho em simular bem estar entre ambos não reflete a contribuição do pensamento coletivo atribuído a uma cultura.

A cibercultura dentro do processo de espelhamento social, diferencia excluídos e excludores. Os excluídos não conseguem acompanhar a velocidade com que a tecnologia avança e os excludores não permitem que os excluídos participem da corrida pela inovação (VIRILIO, 1996) politiza, assim, desde os pressupostos elementares da elaboração teórica, não somente a democracia, mas primordialmente o seu pilar processual, a velocidade (TRIVINHO, 2007). Essa aceção notada por (BAITELLO JR., 1998) afirma que a violência de qualquer tipo na sociedade comunicacional, está presente a todo o momento na cibercultura. Para as comunicações e as redes sociais a novidade vem sempre acompanhada de mais novidades. O paradigma em que vivemos do crescimento econômico e da violência social nos leva a crer que o empenho em simular um bem estar entre ambos não reflete a contribuição pensamento coletivo atribuído a uma cultura.

Bandeira então fincada no viveiro dromológico da inoperância mental de fazer de espelho sua própria imagem, de estar ritmado sem ao menos se inserir ou ao menos demonstrar estabilidade mental ou emocional, autodomínio, sem se importar com os resultados da falta de conhecimento das tecnologias aplicadas. O tempo como senhor das horas. Somos cronofágicos⁴. Nessa mesma linha de pensamento assinala

3 Comunicação, mídia e cultura, página 15. Matéria veiculada na Revista São Paulo em perspectiva. 12a Ed. São Paulo, 1998.

4 Num sentido lato da semântica, ser cronofágico pode significar devorar o tempo ou ser devorado por ele. Pessoas devorando o tempo ou o tempo devorando-as em uma ideia de conhecimento, abstração da realidade ou exposição. Em suas cartas, Santo Agostinho, descreve acerca do tempo: " ... Quem pode medir os tempos passados que já não existem ou os futuros que ainda não chegaram? Só se alguém se atrever a dizer que pode medir o que não existe! Quando está decorrendo o tempo, pode percebê-lo e medi-lo. Quando, porém, já tiver decorrido, não o pode perceber nem medir, porque esse tempo já não existe". Imediatismo determinado pelo tempo de exposição aos meios de comunicação e como ele interage. A ambiguidade é interessante porque, em paralelo, os dois processos ocorrem. Estar presente e se fazer presente num processo social de exposição pelos veículos de comunicação é ao mesmo tempo a realidade imediata. O não estar presente, não estar exposto representa que já foi devorado pelo tempo naquele instante. Esse átimo é que pode se caracterizar estar consumido. A velocidade de exposição impondo de que maneira devemos aparecer para um grupo social, não importando com suas consequências; imediatas ou em curto prazo. Cronofagia tem como base os conceitos da Teoria da Cibercultura, Antropologia e teorias de Eugênio Trivinho, Norval Baitello, Paul Virilio e conceitos firmados por Norbert Wiener.

Trivinho. “A velocidade é o suave estupro do ser pela técnica alçada a fator apolítico aparentemente inofensivo” (2007 p. 98).

Considerações à parte surge uma nova categoria de patogenia, descrita como enfermidades engendradas pela velocidade. A exemplo da ferida aberta pelos golpes sofridos do advento moderno e sem repetição está sempre armada, e ao menor indicio de manifestação de perda, irrompe. A velocidade mantém apenas as aparências, o estresse que a urgência do domínio do phaneros, que em grego significa tornar-se visível (literal ou figurativamente), nos moldes midiáticos de consumo aqui descrito como perda geral do interesse, estado de fadiga extrema, físico e mental, neura urbana.

Se a velocidade dita as regras de uma sociedade e ao mesmo tempo sua velocidade é fator dominante, então há a urgência de criar as condições de dromoaptidões (TRIVINHO, 2007) ou melhor dizendo, sermos dromoaptos (TRIVINHO, 2007). A velocidade é obrigação da atualidade.

Acaba como exigência comum a todos da civilização contemporânea. Obrigatória a todas as pessoas produtivas como aparato característico cultural.

Os estudos das mensagens e das facilidades com que as compreendemos só podem ser devidamente obedecidos quando dispomos de uma comunicação limpa. O desenvolvimento com que relacionamos com esse divisor de águas, homem versus máquinas e tal qual ao contrário nos leva a crer que estamos destinados a cada vez mais olhar com mais cuidado essa relação, para não cairmos no infortúnio de pensarmos que algum dia seremos substituídos.

Wiener assevera que há diferenças e falhas nas mensagens e nos comandos. O propósito da cibernética é desenvolver uma linguagem e técnicas que nos capacitem de fato, continua Wiener. O culto ao progresso como todos querem pode parar nas barreiras do real e ético, pois passa por padrões de desaprovação e aprovação. Divisando as barreiras e colocando o real em pauta da discussão, o progresso em eras passadas foi alicerce para a criação de novas técnicas de como dominar o meio ambiente e o próprio homem. Enquanto a ética para na consciência do certo e errado para a absolvição ou provação.

Entretanto, apesar das boas intenções, as esperanças de um novo mundo conectado com as regras básicas de liberdade e comunicação não se consumaram.

Nos campos de estudo da cibercultura todas as possíveis formas cognitivas de evolução podem ser usadas como formação da subjetividade na virtualidade. O

que se tem acerca dos processos socioculturais nada mais é do que reescrever conceitos existentes como referência. Trivinho (2007) comenta aquilo descortinado por perspectivas teóricas propostas em fases históricas pregressas do pensamento – tudo com o grave risco suplementar de descaracterização completa do rosto próprio das Humanidades.

O fenômeno glocal aborda como as sociedades contemporâneas mediáticas se comportam dentro do paradigma global e local. Paul Virilio (1995) apodera-se dessas duas palavras e cria o termo “glocal”⁵: o global não se isola do local e o inverso também é aceito.

Traçando um paralelo entre onipresença e onipotência, Virilio (1995) analisou o glocal - global e local como só uma coisa e ao mesmo tempo. O conceito de glocal deixa em pauta uma leitura privilegiada para o conjunto dos processos sócio-econômico-culturais contemporâneos, segundo Trivinho:

[...] o fenômeno glocal é, do ponto de vista social-histórico, o selo original, o sinete genuíno da civilização mediática, a sua face inconfundível e inelidível, capaz de diferenciá-la, no fundamental, das outras fases sociotecnológicas (TRIVINHO, 2007, p. 258).

Para tentar entender global, é apresentado na conotação de que os meios interativos, computadores ou infovias tecnológicas de rede, espectralizam a condição de estar em todo lugar eletronicamente segundo algumas vertentes teóricas.

Para o glocal, o global está na universalidade do todo; a presença não está como fator determinante, pois na condição do ciberespaço, a vivência espaço-tempo é irrelevante no tocante à globalização. Enquanto o local é exatamente o que significa presença reverberada, estar em todos os lugares e em todos os tempos.

Se lugar pode ser de identidade não importando se é histórico, o espaço que não pode se definir será um não lugar, na condição de não lugares, ou seja, espaços

⁵ Ao que tudo indica, o termo “glocal” foi evocado pela primeira vez, criticamente, em ciências humanas, por Paul Virilio (1995). Trata-se de um neologismo formado pela sílaba do termo “global” e pela sílaba do termo “local”. Tal fusão no nível do significante tem, obviamente, profundas consequências no nível semântico. Glocal não prevê o isolamento da dimensão global em relação à dimensão local e vice-versa; não pressupõe, portanto, nem globalização ou globalismo, nem localização ou localismo, desatados. A aglutinação significativa e a mescla de sentidos que marcam o glocal fazem dele a invenção tecnológica de imbricação de processos contrastantes, sem que, no entanto, se desfigure a sua condição de terceira natureza, de terceira via, não redutível nem a um nem a outro processo implicado (TRIVINHO, 2007, p. 242).

que não são em si lugares, e que contrariam a modernidade baudelairiana⁶, não interagem com os locais antigos: esses lugares de memória ocupam um local determinado.

O termo “espaço” é mais abstrato do que o de “lugar”, por cujo emprego nos referimos, pelo menos, a um acontecimento (que ocorreu), a um mito (lugar dito) ou a uma história (lugar histórico). Ele se aplica indiferentemente a uma extensão, a uma distância entre duas coisas ou dois pontos (deixa-se um “espaço” de dois metros entre cada moirão de uma cerca), ou a uma grandeza temporal (“no espaço de uma semana”). Ele é, portanto, especialmente abstrato, e é significativo que seja feito dele, hoje, um uso sistemático, ainda que pouco diferenciado, na língua corrente e nas linguagens particulares de certas instituições representativas do nosso tempo. A *Grand Larousse Illustré* dá destaque à expressão “espaço aéreo”, que designa parte da atmosfera cuja circulação aérea (menos concreta do que seu homólogo do domínio marítimo: “as águas territoriais”) um Estado controla, mas cita outros empregos que comprovam a plasticidade do termo. Na expressão “espaço judiciário europeu”, percebe-se que a noção de fronteira está implicada, mas que, abstraída essa noção de fronteira, é um conjunto institucional e normativo pouco localizável de que se está tratando. (AUGE, 1994, pp. 77-78).

Bauman (2007) deixa pistas acerca dessa nova vertente quando diz que estamos passando da fase sólida para a líquida, e atenta a três fases dessa mudança. A primeira quando as coisas se dissolvem e decompõem em uma escala de proporções; o tempo para moldá-las é menos intenso que o seu desaparecimento. A outra parte dessa liquidez está em grande parte do agir antes disponível ao Estado moderno - a palavra em maiúsculo liga-se ao poder estatal, e agora se afasta na direção do espaço global. Ainda imprime um tom de gracejo quando diz extraterrestre. E por último a sociedade como uma grande rede, ao invés de estrutura sólida. É vista como conexões, ligações e em uma capacidade infinita de trocas, daí a liquidez e a falta de manter ligações duradouras.

Ligando o que Bauman sugere ao glocal verifica-se que a questão do global e local e a velocidade das informações está defasada em uma condição de entendimento e com o referencial distorcido.

Podemos dizer que se por um lado ele é a forma mais acertada de propagar a informação e as imagens de forma rápida e com um gregarismo acima da média em termos de capital, por outro lado ele está praticamente atrelado à necessidade de difusão e propagação do próprio capital na forma de imagem e informação. Mas não

⁶ Ele definia a modernidade como “o transitório, o fugidio, o contingente”, o que não caracteriza, no entanto, uma ideia de desprezo pelo passado e quebra da tradição, em um movimento perpétuo e descontínuo. Essa visão, frequentemente ressaltada, é substituída pelo compromisso de tomar determinada atitude em relação a esse movimento. O homem moderno deveria ser capaz de, em meio às transformações de seu tempo, apreender algo de eterno no presente.

é só isso, vale a pena ressaltar que o glocal por um bom tempo contribuiu para que o capital fosse reprogramado, no seu total, por essas mesmas imagens e por assim dizer perpetuar esse contexto. Ou seja, reconhecer que cada ambiente, ou seria ambiência, equaliza-se ao sistema na medida em que se efetua a partir dos pontos acessados em qualquer lugar do planeta, o que assevera uma condição multilateral de recepção e transmissão de informações em tempo real já que esse vetor é fortemente marcado pelo glocal, imortaliza o desenvolvimento da existência no “aqui”, no “agora”.

Se a dromocracia acelerou as formas de se relacionar e se apresentou como uma criação humana inédita aproveitada Industrialmente para que as mensagens prementes fossem pulverizadas e com isso atingisse de frente e por todos os lados seus receptores, essa condição de força motriz que engaja a todos com uma liberdade, é na verdade uma forma falaciosa de satisfazer os interesses políticos e econômicos de uma facção preocupada com seus próprios interesses.

No mesmo receptáculo da vida humana, o social e político dentro da perspectiva dromocrática, indica que a espécie humana está para uma realidade inconclusiva e ao mesmo tempo sem finalidade nenhuma. O mesmo *dromos* que transpõe as barreiras dos vetores, é estado de abatimento caracterizado pela ausência de reação, apático e prostrado cultural, político, social e economicamente. Porque opera com incertezas dentro do nível da estrutura, o fato de ser bombardeado em todas as categorias temporais de imagem e dessas imagens tirar as informações, é ao mesmo tempo expansionista em escala de importância, significação ou projeção.

Como mártir e salvador dessa configuração, podemos dizer vaporizada, última fronteira para todas as gerações que estão por vir no futuro.

Caso a tendência se concretize, algo muito raro de acontecer, de tirar proveito desses objetos, leia-se aqui desde produtos e marcas até informações, circulando no espaço e no tempo e esse mesmo objeto sendo aproveitado pelo capital seja ele nacional ou internacional, público ou privado, é impossível desfazer esse ligamento, lucro e mercado.

Esse efeito globalizatório tornou possível com a difusão das novas tecnologias na comunicação, a partir da década de 1990, possibilitar a participação das diversas sociedades no cenário mundial. Se até o momento a relação de comunicação não passava de meras notícias, nos mais diferentes veículos de comunicação, com a expansão do uso dos novos meios está sendo possível desenvolver novas relações

mediáticas, favorecendo a comunicação alternativa e seu poder de ação rápido e largamente pulverizado.

Com esse aparato eletrônico midiático o homem fica fragilizado por saber que nada é absolutamente certo e inquestionável: as informações são trocadas e atualizadas em velocidades quase imediata. A verdade nem sempre corrobora os fatos. Presumidamente, o que não podemos controlar se torna instável para o nosso bem-estar social. Nas palavras de David L. Altheide (2003), o principal não é o medo do perigo e sim aquilo no qual esse medo pode se desdobrar.

A partir desse axioma de troca de informações e conhecimento entre as sociedades, que caminham tentando aproximar as pessoas por meio de jornais, rádios, televisão, o ser humano ávido por conhecimento esqueceu-se do aprendizado lento e conciso.

O paradigma em que vivemos do crescimento econômico e da violência social nos leva a crer que o empenho em simular um bem-estar entre ambos não reflete a contribuição pensamento coletivo atribuído a uma cultura. O que se vive na corrida das tecnologias da informação é a destruição da sociedade, lenta e paulatina de uma visão social da vida social em uma totalidade das categorias quase um espelhamento do mesmo. Não basta ter a boa vontade de cultivar elos sociais, precisam ser encarados como um construtivismo social de um todo já dilacerado pelo capitalismo. Touraine assim os vê:

Hoje, dois séculos após o triunfo da economia sobre a política, estas categorias “sociais” tornaram-se confusas e deixam na sombra uma grande parte de nossa experiência vivida. Precisamos, portanto, de um novo paradigma, pois não podemos voltar ao paradigma político, sobretudo porque os problemas culturais adquiriam tal importância que o pensamento social deve organizar-se ao redor deles (TOURAINÉ, 2006, p. 9).

No novo contexto social devemos situar as coletividades que aparecem frente ao nosso olhar, configurando uma nova paisagem, social e política. As configurações das redes sociais ou de informação, não importando a designação, remetem a uma revolução tecnológica em que os resultados sociais e culturais se apresentam com resultados destoantes. Isso mostra a distância da revolução Industrial na qual não se separavam as relações sociais das relações de produção. A produtividade era mais importante, elevar ao máximo a racionalização e a técnica, com resultados em grande escala. A situação é outra. Na Cibercultura essa interatividade ganha proporções nunca antes imaginadas; perde-se o controle sobre o que está divulgando ou propagando.

Esse esforço em acompanhar tudo tão depressa e essas transformações em todas as camadas e setores sociais forçam à adaptação dos tempos. Ou seja, as transformações individuais, sociais e possivelmente globais, são classificadas como dromoaptidão⁷, ato de organizar as informações desde a velocidade conquistada bem como suas taxas de manutenção, denotado por (TRIVINHO, 2007). Ela, a dromoaptidão, pode ser enquadrada de diversas formas seja em número pela sociedade, empresas e governos sejam nacionais ou internacionais sem sequer prejudicar seus intermediários.

A lógica do capital está totalmente atrelada à lógica da velocidade; partindo da ideia de que velocidade é poder, tem-se uma posição definida por na qual se dá o viés do capital. Os estudos da velocidade apontados por Virilio dão noção clara de como o modo de vida social a partir do século XX poderá tomar as linhas do aqui e agora. O imediatismo controlando nossas decisões para não ficar atrás da corrida tecnológica. Sabemos então que o efeito principal da dromocracia é a questão do ser ou não ser veloz.

Os estudos a seguir apontam para uma direção perigosa que além de desgastar a imagem, torna ela obsoleta e sedentária pela razão da velocidade e como afirma Baitello(2012) quando comenta das janelas sintéticas:

[...] trazer para perto, bem perto, tudo que é distante. Significa trazer sem trazer, porque o que vem, vem traduzido, recortado, às vezes toscamente colorizado ou desodorizado, domesticado, processado, enfim, simplificado como resultado de um processo de abstração [...] (BAITELLO, 2012, p. 52).

As comunicações voltadas para os consumidores tendem a ser e ter a conotação de salvadora dos problemas atuais e ao mesmo tempo delineadora de padrões. As comunicações devem em primeiro lugar atrair, cooptar e por fim se houver um tempo, mostrar as funcionalidades. No capítulo a seguir, analisaremos o que aconteceu com as comunicações e como elas influenciaram no modo de agir dos consumidores, visto pela vertente da velocidade. Esses comportamentos são vistos e revistos por décadas mas a partir de décadas mais recentes essa patologia precisou

⁷ O conceito é – frise-se – inspirado no prisma dromológico, fundado por Virilio [1996a; (original francês de 1997).] no âmbito das humanidades (Dromos, prefixo grego, envolve, em sua significação, agilidade, celeridade; aptidão registra-se, indica propensão ou habilidade tecnicamente treinada). Um primeiro tratamento conceitual sobre a questão foi feito em Trivinho (1999, parte I, capítulo VII, tópico III; 2001, pp. 219-227).

ser revista e estudada a fundo ao passo que toda a sociedade está imbricada dentro desse vetor.

3. ASPECTOS COMUNICACIONAIS DA DROMOCRACIA

Não podemos nem imaginar o quanto o virtual já transformou, como que por antecipação, todas as representações que temos do mundo. Não podemos imaginá-lo, pois o virtual caracteriza-se por não somente eliminar a realidade, mas também a imaginação do real, do político, do social – não somente a realidade do tempo, mas a imaginação do passado e do futuro (BAUDRILLARD, 1999, pp. 71-72).

Como o fator velocidade dita as regras de uma sociedade, o que foi analisado no capítulo anterior em que o ponto crucial para a dromocracia é a própria velocidade, será abordado neste capítulo. Afinal, como o advento das propagandas foi influenciadas pela sociedade dromológica?

Muito embora se tenha afirmado que a chegada das novas tecnologias nas décadas anteriores facilitaria a vida das pessoas, as novas formas de pensar e agir, tomou rumos totalmente diferentes daquilo que preconizavam os mais céticos em relação a essas mudanças. Wiener comenta que algo semelhante ocorreu séculos atrás:

A primeira forma de máquina a vapor foi a tosca e esbanjadora máquina de Newcomen, que era usada para bombear minas. Em meados do século XVIII, houve tentativas malogradas de utilizá-la para produção de força motriz, fazendo-se com que bombeasse água para reservatórios elevados e empregando-se a queda dessa água para movimentar rodas d'água. Tais dispositivos canhestros se tornaram obsoletos com a introdução das máquinas aperfeiçoadas de Watt, que foram usadas, logo nos primórdios de sua história, para fins industriais, bem como para bombeamento de minas (WIENER, 1954, p. 137).

Apenas a título de observação, a obsolescência existia há muito tempo, sendo a máquina de Newcomen substituída pela máquina de Watt.

Viu-se o estreitamento de relações das tecnologias, e das pessoas que a usam; dependência dos aparatos da própria vida. Passaram a ser mais livres, e em contrapartida a esse aparecimento dromo-tecnológico, mais controlados. Wiener comenta que o volume de produção é inversamente proporcional à necessidade da época. Parece que teria melhorado a situação dos trabalhadores, mas viu-se uma piora. A velocidade com que as cidades cresciam, exigia aumento de produção. Os

trabalhadores tinham que cumprir metas para suprir a velocidade de acúmulo de bens e capital.

3.1. Primeiro período: modelos conservadores de função comunicativa

Retomando o contexto de décadas passadas, as transformações eram mais lentas, mas já havia em alguns setores sociais a herança deixada pelo plano de metas implantado no governo Juscelino Kubitschek em 1956⁸. A indústria se fortaleceu e por conseguinte o mercado nacional, mas, o endividamento por meio de créditos concedidos por bancos e empresas estrangeiras, além da dependência tecnológica e no entanto não havia acordos de transferência da mesma tecnologia da qual hoje somos dependentes. Tudo muito rápido mas sem um fundamento que fosse capaz de alicerçar o crescimento de forma correta e igualitária.

A partir da lógica da velocidade Virilio ressalta que a guerra é ubiqüitária, transpomos essas observações do mar para a terra:

Ela se realiza primeiro no mar porque a proteção marítima não representa nenhum obstáculo natural permanente a um movimento veicular de dimensão planetária. Entretanto esse tipo de conflito totalitário pode ser realizado em terra com a condição de erguer infraestruturas duradouras para a ubiqüidade (VIRILIO, P. 1977, p. 59).

Philippe Breton comenta que a comunicação passou por três grandes momentos. A partir da Segunda Grande Guerra, em que intelectuais se concentraram no desenvolvimento de diversas áreas de atuação, da cardiologia à antropologia. O segundo momento deu-se quando Wiener procurou na comunicação dominar sua análise no viés da ação política e social.

⁸ O programa de aceleração do crescimento; vontade pessoal do presidente em acelerar o desenvolvimento do Brasil pelo bordão '50 anos em 5'. O Plano de Metas continha 30 propostas que contribuíam para mudar a rosta do Brasil e conseqüentemente os próprios brasileiros na sua forma de pensar e agir. Um esforço sugerindo a necessidade de tornar bens e serviços mais acelerados pelo binômio energia/transportes como metas iniciais de desenvolvimento para a sua gestão. Esforços na mecanização da agricultura, por exemplo, indicava a necessidade de fabricação de tratores, prevista na meta da indústria automobilística. Dá-se o início ao recorte do país com rodovias pelos quatro cantos. A ideia era que com mais rodovias, houvesse o aumento da frota. Com mais transporte e estradas, maior seria a velocidade de deslocamento de bens de consumo. Surgiram indústrias, e o plano de crescimento se instaura.

[...] Wiener vai tentar assumir o que pensa ser de sua responsabilidade social como cientista, oferecendo ao mundo uma chave para a compreensão das suas dificuldades e dos seus progressos possíveis (BRETON, 1990, p. 16).

Na terceira etapa dessa caminhada da comunicação o período pós-guerra foi importante e largamente utilizado. O poder dessa ferramenta, a propaganda, a todos alcança, sem distinção. Por esses caminhos se fortaleceu dentro de uma sociedade ávida por informação e como anestesia para as mazelas diárias.

A utilização massiva das técnicas de comunicação para fins de propaganda contribuiu, sem dúvida, para disfarçar a emergência de qualquer nova questão a propósito dessas técnicas no campo das ideias políticas (BRETON, 1990, p. 16).

A partir de a comunicação ser conhecida como informação e propaganda ideológica numa época em que estava em pleno desenvolvimento, procuraremos analisar as relações de velocidade e tempo que moldaram nosso atual estágio dromológico em relação ao avanço tecnológico e das propagandas.

Na década de 1970, uma novidade ou atualização industrial tinham intervalo médio de dois anos. Na década de 1980 essa inovação passa a ser de apenas um ano, rapidamente se tornando obsoleta ou 'engolida' por grandes corporações que descontinuavam esses produtos ou era apropriada por grande parte dos concorrentes. Na década de 1990 se assiste à revolução da velocidade em razão do tempo já estudado por Virilio, ao afirmar que se tempo é dinheiro, velocidade é poder. Essa duração passou para seis meses entre dois produtos ou mesmo dele próprio.

No contexto da velocidade as empresas de tecnologias se apoderam com competência a estratégia de atualização ou renovação tecnológica. Mas o que restou de tecnologias anteriores?

O descarte evidenciando-se como forma de se atualizar as formas tecnológicas. Se os excludores não permitem que os excluídos participem dessa revolução, sobra para esse contingente se contentar com o que está ultrapassado. Mesmo assim nos contentamos em ter o que já não é tão novo e toleramos a presença do novo, na certeza de que um dia acompanharemos de perto as inovações. Quanto mais a tecnologia se fez presente para o ser humano ficasse livre para outras ações, viu-se sempre o contrário, pois mais atarefados e ocupados ficamos. A alienação está impregnada nos modelos de propaganda. O valor de troca define com antecedência as relações entre sujeito e objeto. O sujeito é ativo ao se utilizar do objeto. Essas relações, como vínculo social, correspondem de à forma como são desprendidas ou

indiferentes no ato da produção. O processo tem alterações nas formas de estado, ao retornar ao receptor; a liberdade de leitura ou apreciação desses objetos, provoca a total destruição dos dispositivos de produção que eram relevantes.

Mattelart comenta o vínculo social da propaganda e descreve o sintoma quando das trocas simbólicas:

Tais práticas deixam certas marcas de identidade através das quais se manifesta um discurso da resistência, da pronta resposta ao discurso dominante, luta de classes, certamente, mas, além disso conflito entre a economia da abstração mercadológica e a da troca simbólica (MATTELART, 1989, p. 103).

Guy Debord (1997) em seu livro *A sociedade do espetáculo*, faz observação espantosa e real do que acontece na sociedade contemporânea, sobre as comunicações quando estão frente aos consumidores:

O homem separado de seu produto produz, cada vez mais e com mais força, todos os detalhes do seu mundo. Assim, vê-se cada vez mais separado de seu mundo. Quanto mais sua vida se torna seu produto, tanto mais ele se separa da vida (DEBORD, 1997, p. 25).

As considerações a seguir são baseadas em propaganda e chamadas da época que de algum modo mudaram o nosso pensar e agir acerca da velocidade. Informação e comportamento sempre estiveram presentes nos assuntos sociais. O devir das comunicações pode desenvolver mensagens de duplo, é dever dela se tornar o valor central e, mais importante não gerar o caos social.

Fazendo uma ponte do descrito anteriormente e transposto neste parágrafo, a mesma reserva se faz no período que compreende a década de 1970 no Brasil. Com o aumento das indústrias, aparecem as primeiras propagandas sugerindo que as pessoas tenham acesso a produtos mais rapidamente e oferecendo soluções imediatas. Num primeiro momento essas campanhas eram modestas apenas atestando a qualidade em razão da economia. Algum tempo depois reuniu-se o fator tempo ao obter qualidade, condição etc, como resultado de esforço anterior ou por simples acaso. No decorrer desse período, a indústria automobilística era a que mais usava esse artifício para captar clientes pelo fato de serem instauradas no período que antecede a instituição dos aparatos tecnológicos.

As propagandas da época vendiam qualidade, agregando praticidade. Mas como ter a praticidade se as tecnologias eram inventadas ou adaptadas das décadas

anteriores? Mas o poder da argumentação e da sedução vence qualquer barreira. Empresas que sabiam usar esses dispositivos estavam à frente do seu tempo, com grande vantagem frente aos concorrentes. Como era a Volkswagen quando do lançamento de seus produtos.

Como os carros foram os grandes produtos que entraram no país, ao lado dos utensílios domésticos movidos a eletricidade, buscavam-se formas de mover a grande máquina do capital a favor do crescimento medido pelo PIB, e o desenvolvimento humano ficou em segundo plano.

FIGURA 01 - Propaganda Fusca série Prata. Ano de 1980

Fusca Série Prata. Os primeiros serão os únicos.

O Fusca Série Prata está sendo lançado numa edição muito limitada. Só quem chegar na frente terá, com exclusividade, as características inéditas desse Fusca.

Ninguém olha para ele com indiferença. Sua pintura é especial, cinza-prata metálica. Os aros das rodas são na mesma cor e todo o conjunto harmoniza muito bem com os para-choques revestidos com lâmina de borracha.

As lanternas traseiras chamam a atenção mesmo desligadas: são maiores, num estilo diferente e moderno. Através dos vidros climatizados você vai enxergar tudo de forma mais bonita e repousante.

O interior tem acabamento unicromático cinza e tapetes em tecido lêm novo figurino. Os dianteiros vêm com apoio para cabeça. Pegue no volante, veja como é gostosa essa em-

punhadura revestida de espuma. O painel também contribui para o luxo e o conforto do Fusca Prata, com a tampa do porta-luvas, grades do alto-falante e indicador do nível de combustível em cinza-prata, e a praticidade do acendedor de cigarros.

Assinando tudo isso, o exclusivo logotipo da Série Prata. Mas numa coisa muito importante o Fusca Prata continua igualzinho aos outros Fuscas.

na mecânica Volkswagen - simples, robusta, econômica e de confiança.

A marca que conhece o nosso chão.

Fonte: http://www.volkspage.net/propaganda/sedan80_01.jpg

FIGURA 02 - Propaganda Volkswagen Fusca Geração 76. Ano de 1976



Fusca. Você nunca precisou tanto de um como agora.

Fusca, para quem precisa de um carro que ande no ritmo de hoje. Ágil e forte, o Fusca vence qualquer distância com a experiência da mecânica Volkswagen. Econômico, é o carro que menos gasta em manutenção e menos consome gasolina. Confiante, é protegido pela maior rede de revendedores do País. Atual, é aquele que oferece o menor preço de compra e o que mantém sempre o maior valor de revenda. Sobre tudo isso é escolha o seu 1.300, 1.300-L ou 1.600.

**Fusca
Geração 76** 

Fonte: http://www.volkspage.net/propaganda/sedan76_02.jpg



—mais conforto
—mais elogios
—mais tempo livre!

ARNO

De repente, tudo se transforma! Com as modernas
Aparelhas ARNO, V. faz pratos mais gostosos
e nutritivos, como jamais fazia antes...
E, ao mesmo tempo, V. faz tudo mais depressa
e com mais facilidade! Gasta mais tempo
e mais elogios, com ARNO em sua cozinha!

**BATEDEIRA PORTÁTIL
SUPER ARNO**

Deixe o tempo fazer o trabalho...
faz pratos mais gostosos e nutritivos...
É prática, leve, realmente prática...
e transforma-se em um pequeno fogão...
na cozinha, com o gás da cozinha.

BATEDEIRA NOVO ARNO

Com o novo modelo, V. faz pratos mais gostosos...
e nutritivos, como jamais fazia antes...
E, ao mesmo tempo, V. faz tudo mais depressa
e com mais facilidade! Gasta mais tempo
e mais elogios, com ARNO em sua cozinha!

ARNO
— A MARCA DIZ TUDO!

O capital em um país emergente é primordial para as políticas públicas. Mas a urgência de crescimento rápido foi notada nos mais diversos setores da comunicação, em toda a sociedade. Com o processo de aceleração oriundo da Revolução Industrial, aqui não seria diferente, e a adaptação aconteceu.

FIGURA 04 - Propaganda Natal Elétrica S.A. para a Philco. Ano de 1954

sensacional campanha!

**"UM TELEVISÃO
EM CADA LAR!"**



**PHILCO
E ADMIRAL 1954
21 polegadas**

**OS MENORES PREÇOS DA PRAÇA
ENTRADA ÚNICA**

cr\$ 400,00

**SEM MAIS DESPEZAS
SUAVÍSSIMAS PRESTAÇÕES MENSAIS**

na maior homenagem comercial ao povo de SÃO PAULO

PATROCÍNIO DE

NATAL ELÉTRICA S. A.

RUA ANTONIO DE GODOI, 80 - TEL. 35-7107

Com a chegada da televisão ao Brasil em 1950, havia a necessidade de anunciar produtos que solucionassem problemas mas seu uso foi voltado para a Copa do Mundo de futebol de 1970, quando o país sagrou-se tricampeão; o governo sentiu a necessidade de usar esse meio para incentivar a onda de euforia, deixando à parte os acontecimentos militares da época. Não é nosso papel entrar em questões políticas e ou julgar como esses processos aconteceram e se desenvolveram.

Com um custo elevado, fizeram com que as empresas aqui instaladas produzissem e divulgassem seus produtos similares com propagandas enaltecendo a praticidade e economia e ao mesmo tempo garantissem comodidade e praticidade, e os anunciantes se escoraram nos artigos eletromecânicos importados dos EUA e Europa. As propagandas em rádios, jornais, revistas e pôr fim a tevê, procuravam sempre enaltecer esses quesitos.

A partir de um determinado momento, com a abertura de crédito pelos bancos, os propagandistas viram aí uma forma de atrair empresas a utilizá-los. A partir desse momento, o que ocorre até hoje, a propaganda usa um artifício funcional.

Os motes “só hoje”, “corra”, “não perca”, “compre já e pague depois”, foram a grande descoberta daquele momento. Pois adquirir agora e pagar depois está ao alcance de todos, o momento do “aqui” e “agora”. A partir da velocidade com que isso repercutiu em todos os setores, constatou-se um novo método de atrair clientes.

Persuasão, invariavelmente está ligada a convencer alguém de algo que não precisa, e fazer com que a pessoa sinta que é imprescindível ter.

A partir dos anos 1980, a necessidade de atualização tomou rumos nunca antes vistos pelo fato de a corrida tecnológica estar em evidencia. As chamadas correntes neo-tecnológicas imbricaram-se às pessoas de tal forma que a corrida pela inovação se tornou fato e devidamente inserido no contexto civilizatório. Algo como ter dinheiro para comprar coisas das quais não precisamos.

Realizar tudo nos é oferecido em forma de produtos é a garantia de satisfação. A própria pressão do tempo agindo sobre nossos corpos. A sedação é a aceleração da tragédia da vida contemporânea. A grande questão é: o homem em seu estágio dromológico, criou a armadilha pela demanda de velocidade, mas mesmo tempo engendrado por essa cultura do imediato ficou refém dessa dependência? Provavelmente sim, pelo simples fato de as empresas usarem como argumento de venda palavras que remetem ao arrependimento caso não se compre. Antes de trazer à análise recortes de anúncios de época que têm como argumentos a qualidade,

praticidade, tempo livre, entre outras coisas importantes para o bem viver, verificamos

FIGURA 05 - Propaganda Epel Ltda. Figura as datas de 1947 à 1951



Felicidade, uma enceradeira elétrica como presente de casamento! A enceradeira elétrica "EPEL" - D 4, apresenta-se com 12 inovações importantes, que a tornaram

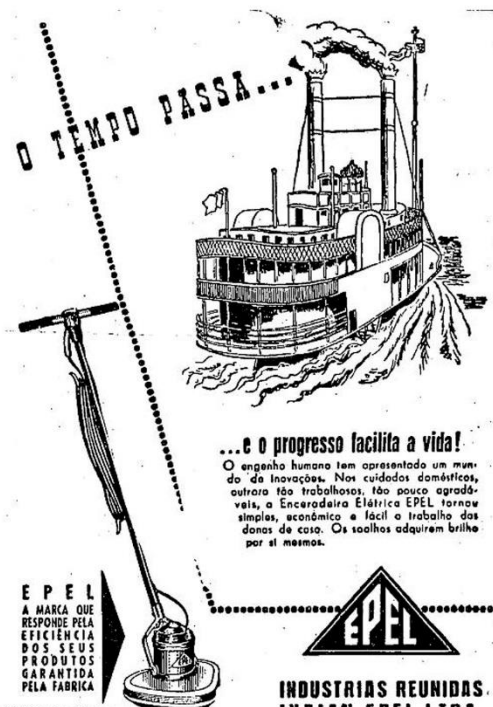
a mais leve e perfeita enceradeira até hoje fabricada no Brasil. Visite nossa exposição, ou solicite-nos o folheto ilustrado, para ficar convicto de que a enceradeira "EPEL" será o presente de casamento escolhido com acerto.



A marca que responde pela eficiência dos seus produtos GARANTIDA PELA FÁBRICA

**INDÚSTRIAS REUNIDAS
INDIAN EPEL LTDA.**

Escr. e Loja: Largo S. Bento, 20 - Tel. 3-1724 - S. Paulo



**INDÚSTRIAS REUNIDAS
INDIAN EPEL LTDA.**
C. POSTAL 1460 - S. PAULO

ASSIM, A VIDA É MELHOR

LIQUIDIFICADOR ELÉTRICO PARA FRUTAS E LEGUMES

BATEDEIRA ELÉTRICA VÁRIOS TAMANHOS

EBULIDOR ELÉTRICO EPEL NOSSA FABRICAÇÃO

CHUVEIRO ELÉTRICO EPEL NOSSA FABRICAÇÃO

RÁDIOS DE TODOS OS TIPOS PARA TODOS OS PREÇOS

Aparelhos elétricos de real utilidade para o conforto das donas de casa.
PREÇOS ESPECIAIS PARA OS REVENDEDORES

INDÚSTRIAS REUNIDAS INDIAN EPEL LTDA.
LARGO SÃO BENTO 20 • FONE 3-1724

EPEL
A MARCA QUE RESPONDE PELA EFICIÊNCIA DOS SEUS PRODUTOS GARANTIDA PELA FÁBRICA

e eu, meu bem?

Nossa vizinha D. Izabel já ganhou a ENCERADEIRA EPEL. Você, que me diz? Quando será feliz?

★ ENCERADEIRA ELÉTRICA EPEL
Além do seu belíssimo aspecto, é um aparelho de fácil manejo, verdadeira satisfação das donas de casa; no seu conjunto, vão incluídos: jogos de escova para espalhar cera, lustre, e feltro para dar brilho.

EPEL
A MARCA QUE RESPONDE PELA EFICIÊNCIA DOS SEUS PRODUTOS

INDÚSTRIAS REUNIDAS INDIAN EPEL LTDA.
ESCRITÓRIO E LOJA: LARGO DE SÃO BENTO, 20 - TELEFONE 3-1724 - S. PAULO

que o uso da velocidade no ambiente social diferencia do ambiente natural. Sendo colocada à frente de todos, praticamente se transformou na commodity da vida social e trouxe junto a violência, disseminada em todas as camadas sociais.

As empresas que perceberam esse diferencial, dominaram quase por completo seu mercado interno, mesmo mundial; basta verificar as empresas de entrega worldwide. Houve consequências? Sim, e elas são denotadas como dromopatologias da nossa era, o que se comentou no capítulo anterior.

A velocidade é, incomparavelmente, a forma atual mais sutil da violência da técnica. Ela é a via pela qual esta (violência). se impõe e se enraíza com maior eficácia, sem, no entanto, deixar-se apreender como tal. Em outros termos, a violência da velocidade não se apresenta como violência. Não por outro motivo, pertence à categoria dos fenômenos invisíveis (TRIVINHO, 2007a, p. 92).

Por ser um processo de difícil compreensão e percepção, os impactos da velocidade no tempo presente, verificado e percebido por Virilio (1977), estão de forma abstrata dentro de uma sociedade. Mas sua influência não pode ser considerada agressiva. O discurso que impera dentro da sociedade tecnológica celebra como salvadora e repleta de soluções para os mais diversos problemas e áreas do conhecimento. Mas como transpor toda essa visão tecnológica para um período em que as movimentações estavam acontecendo de forma regrada, sempre preocupado em facilitar a vida das pessoas?

Deve-se procurar analisar como os valores são percebidos a partir de conotações conservadoras, nesse período de pouco movimento. Como era esperado, os “reclames” apenas “reclamavam” sua contextualização, em um período em que não se percebia o valor velocidade como fator principal e sim o tempo agregado aos produtos. Percebendo a convergência qualidade x tempo de economia, cada vez mais o recurso tempo x capital estava sendo inserido nesse contexto. As estratégias de captação nos reclames de época foram sendo trocadas. A qualidade ficou de lado, as experiências do produto deixaram de ser atestadas, não era mais importante esse princípio. Fazendo em menor tempo e tendo prazos maiores para pagar, a fórmula do sucesso estava implantada. Mas lança-se a pergunta: haverá oportunidades para todos?

Se na época havia oportunidades não se pode precisar, mas a linha tênue que separava ricos e pobres diminuiu, não no sentido de acúmulo de bens, mas no acesso a produtos que passaram a ser “prêmios” a serem conquistados, sempre escorados e

ancorados nos bancos que os financiam até hoje. Se as empresas vendiam a prazo, o banco gerenciava a vida financeira. A corrida pelos mais diversos produtos estava aberta.

Com isso, as empresas contrataram mais, produziram mais, criaram expectativas: lixo demais e expectativa de menos. Observamos que a cultura pode ser transformada em mercadoria, por sua vez convertida em valor principal. Deriva daí a espetacularização. O ambiente no qual há a valorização da mercadoria sobrepõe seus reais atributos. Não existe a necessidade de garantir e atestar a qualidade. Há sim o que se pensar, como essa troca de valores é percebida pelo mercado. Se as ideias se lapidaram no decorrer do tempo, e o sentido das palavras ritmou o jogo, a reprodução das palavras em excesso gerou o plágio, então é possível afirmar que essas cópias foram enterradas pelo progresso crescente. Praticamente dividem-se em duas: uma real, a outra um simulacro.

Ainda com esse progresso crescente, as diversas formas de cooptar clientes fizeram com que estratégias mais concisas fossem desenvolvidas.

Se a lógica da falsa concorrência não pode conhecer a si própria de forma verídica, a busca da verdade crítica sobre o espetáculo tem de ser também uma crítica verdadeira. Praticamente, ela tem de lutar no meio dos inimigos irreconciliáveis do espetáculo e admitir estar ausente lá em que eles estão ausentes. Quando compactua com o reformismo ou com a ação comum dos restos pseudo revolucionários, a vontade abstrata da eficácia imediata reconhece as leis do pensamento dominante, o ponto de vista exclusivo da atualidade. Assim, o delírio se refaz na própria posição que pretende combatê-lo. Ao contrário, a crítica que vai além do espetáculo deve saber esperar (DEBORD, 1997, p. 141).

FIGURA 06 - Propaganda Walita. Bolos em 41/2 minutos. Anos de 1950

Faz bolos como êste em — 4½ minutos!



— e ainda mais estas vantagens!

1 SUPER-MOEDOR
mó a carne rapidamente, sem sangue, conservando as suas qualidades!

2 ESPREMEDOR
extraí o suco de laranja, limão, abacaxi e de muitos outros frutos!

Moderno, super-potente, o Flavo Walita prepara num instante bolos crescidos, gostosos, que dão água na boca. É capaz de bater 2 lbs. de massa de uma vez! Pode ser usada também como batedeira portátil. Tem um motor excepcional, com 10 velocidades. E com tudo isto, custa bem menos que os similares estrangeiros!

Nova Batedeira

Walita
— COM 10 VELOCIDADES

Produtos licenciados pela ELECTRO-MECHANICAL CO. - New York

FIGURA 07 - Propaganda Arno. Mais conforto mais elogios. Anos de 1950



**MAIS CONFÔRTO-
MAIS ELOGIOS-
MAIS TEMPO LIVRE!**

Como por encanto, sua vida se transforma! As horas lhe sobram — e no entanto a limpeza sai muito mais bem feita — porque ARNO faz todo o trabalho com Você!

A ENCERADEIRA NOVA ARNO
tem duplo-haste, duplo-firmeza! Encera melhor e mais depressa, e faz todas as operações com uma só escova. Controle centralizada, para mais fácil manejo.

O ASPIRADOR DE PÓ ARNO
com poderosa sucção e sete acessórios de limpeza, tira rapidamente o pó dos tapetes, assentos, paredes, móveis, cortinas, roupas, persianas, etc.

— A MARCA
DIZ
TUDO!

ARNO



FIGURA 08 - Propaganda Walita. Ganhei. Ano de 1957

GANHEI!

...ganhei meu liquidificador Walita

Sinto-me a mulher mais feliz sobre a terra! Ganhei de meu marido um liquidificador Walita – Perfeição Absoluta. Sempre desejei um. É lindo, mais moderno e mais bonito do que qualquer outro liquidificador. Agora posso preparar ótimas receitas, com a velocidade Toque-Pluma... e sem perigo de trincar o copo de vidro "PYREX"*. E Walita mói carne sem nenhum acessório. De fato, tenho bons motivos para me sentir tão feliz! * Marca reg. da Corning Glass Works

Produto da ELETRO-INDÚSTRIA WALITA S.A. – São Paulo
Filiais: Rio de Janeiro, Porto Alegre, Curitiba, Recife e Belo Horizonte

Walita
— PERFEIÇÃO ABSOLUTA!

A VENDA COM
GRANDES FACILIDADES
EM SEU
REVENDEDOR WALITA!

FIGURA 09 - Propaganda Petroleo Sunflower. Fogão Vacuum. Ano de 1927



EM FAMÍLIA
A comodidade só é
completa quando o chá é
feito em 5 minutos com o
**FOGÃO
VACUUM**
VACUUM OIL COMPANY
Rocio, 67 Telef. 3075 e nas suas Agencias

 **PETROLEO
SUNFLOWER**

3.2. Segundo período: modelos compactos e acelerados de função comunicativa

Transportando, nas seguídas décadas, todas as teorias vistas anteriormente acerca da velocidade nos modelos de propaganda, observamos que passou de atestar a qualidade e a praticidade até o momento em que *ter* é mais importante que *precisar*. O que fez esse pensamento dromológico ser mais importante do que o próprio produto?

A necessidade de bens de consumo gerou uma sociedade impaciente, beirando a neurose. Consumo exagerado em todas as classes. A sociedade em seu estado atual vive uma era de incertezas e a velocidade ajudou a superar esse trauma, e ao mesmo tempo sofrer a violência desse contexto. Como identificar os traumas se as pessoas o vivem regularmente? Os compulsivos por compras até algum tempo atrás o faziam por telefone, foram substituídos pelos compradores via internet. Uma via rápida com acesso a e-mail, imagens diversas, posicionando muito bem a cultura do veloz.

O desejo de ter, não importando como chegar à felicidade plena, é um dos atributos que a velocidade impõe: valores dos nossos tempos, desejo, necessidade, vontade pela velocidade. Em contra partida, descobre-se que vivemos com pressa, pensamos com pressa, a intenção é ter com pressa; e o resultado é que jamais poderíamos imaginar um contexto no qual criamos e do qual ficamos reféns. Os caminhos são sempre para frente, a lógica é sempre linear, e seu vetor aponta para a saturação em todos os âmbitos. Mais, mais e mais tarefas e em menor tempo possível. Alargam-se os afazeres e estreita-se o tempo; a destruição da vida é inevitável e provoca um efeito em cadeia sobre uma parcela considerável da população mundial. Virilio ressalta que acelerar é destruir fronteiras.

Com a aceleração não há mais o aqui e ali, somente a confusão mental do próximo e do distante, do presente e do futuro, do real e do irreal, mixagem da história, das histórias, e da utopia alucinante das técnicas de comunicação, usurpação informacional que durante muito tempo avançará mascarada pelas ilusões dessas ideologias de progresso, purificadas de todo julgamento (VIRILIO, 1996^a, p. 39).

Tudo tem de ser rápido: comida, transporte, filmes, propagandas, não há tempo a perder. É a aceleração pela vida, o existencialismo da velocidade, e não é

possível separar os processos de comunicação do mercado em ascensão. O processo de superar o tempo é tão líquido quanto o próprio tempo. Quanto mais tempo temos, mais tempo perdemos com coisas que não requerem atenção. Mas como é possível essa assertividade? Basta verificar quando procuramos produtos nos canais de internet, quando assistimos aos comerciais na TV. Tudo se revela amarrado por uma linha invisível de obsessão pelo *ter*. A comunicação usa os artifícios gerados pela própria cultura para exibir mensagens que dialogam com esses mesmos indivíduos, aceleradamente e de forma imediatista.

Devemos partir para a análise de como se apresentam esses efeitos no contexto atual de que modo o mercado se apropria desses elementos, como as empresas que usam o canal informatizado para divulgação dos seus produtos dialogam com o mercado. Em linhas gerais, os termos principais e de forte argumento atrativo são o “compre já”, “não perca tempo”, “arrepender”. O fator emoção é forte concorrente e de agregação à velocidade.

Para compreender esse momento que celebra a velocidade no mercado, utilizaremos três empresas de serviços e produtos diferenciados mas que usam os mesmos argumentos de venda. Bancos, loja de departamentos e telefonia são segmentos distintos, mas seguem a mesma linha de pensamento exploratório.

Os bancos por longo tempo ficaram à margem do pensamento dromológico, mas por falta de tecnologia compatível não podiam alçar voos maiores; no surgimento das conexões *on-line* viram um grande potencial para oferecer produtos e serviços. Em pouco tempo a convergência para as mídias *on-line* seria o reforço para o aumento de capital existente nos modelos tradicionais de serviços bancários. Utilizando esse recurso, a propaganda foi mais bem elaborada para a pessoa não ter meios de recusar um serviço que facilitaria sua vida.

FIGURA 10 – Logo Unibanco. Nem parece banco. Ano de 1990



Fonte: Acervo do Unibanco

O Unibanco, em 1991 entra com a chamada de “Banco 30 horas”, um serviço que aparentemente quebraria a concorrência. O sucesso imediato da marca remetia o serviço do banco ser mais veloz, pois o cliente não “perderia tempo” indo até a agência resolver seus problemas. O novo serviço tornava o Unibanco disponível a seus clientes 30 horas por dia: seis na agência e outras 24 ao alcance do telefone; o surgimento dos serviços *on-line* facilitou mais ainda a rapidez. Mas ao contrário do que se pensava, a médio prazo esse *momentum* de grandeza fez com que outros bancos procurassem soluções para reverter o quadro. O Unibanco, no entanto, para estabelecer um rosto *personal* aos seus clientes, utilizou uma estratégia rápida e fulminante. O slogan “Unibanco – nem parece banco” trouxe de volta a atenção aos serviços *home*.

FIGURA 11 – Tela do filme "Lista", para o varejo do Unibanco. F/Nazca. Ano de 1990.



Fonte: <http://propmark.uol.com.br>

Conhecido pelas campanhas publicitárias desde a década de 1990, com boa aceitação do público, o serviço Unibanco 30 Horas foi apresentado em um comercial de TV com Bill Gates, o então proprietário da *Microsoft*.

FIGURA 12 – Propaganda Unibanco. O Micro 30 Horas e a Internet 30 Horas.
Agência Talent. Ano de 1991



Fonte: <http://www.coachttotal.com.br>

Bill Gates comentava sobre segurança, facilidades e rapidez (atributos básicos da velocidade) do serviço Unibanco 30 Horas, divulgando o pioneirismo do atendimento pela internet.

Após a fusão Itaú/Unibanco o serviço 30 horas continuou por ser produto rápido, que abrange todo o território nacional e internacional, portanto local e global, e estar atrelado a uma proposta de relacionamento com o cliente, sendo eficaz e diferenciado das demais instituições. Os aparatos tecnológicos disponibilizados para se manter veloz foram a internet, o celular, caixas eletrônicos, telefone e o atendimento direto nas agências, dentro e fora do Brasil.

Por estar sempre à frente com seus serviços, oferece aos clientes uma gama de serviços exclusivos, com rapidez, qualidade e bom atendimento em serviços 30 horas. Foi uma campanha publicitária muito popular, até hoje bastante estudada. O apelo principal, além de aproximar instituição/cliente, foi mostrar que a velocidade

aplicada ao serviço era o diferencial do banco. Ainda hoje o Banco Itaú mantém o serviço, e ampliou para outros bancos usarem a mesma ferramenta. Ora, se o serviço pode agregar capital ao instrumento, porque não oferecê-lo? O ganho é de todos os envolvidos.

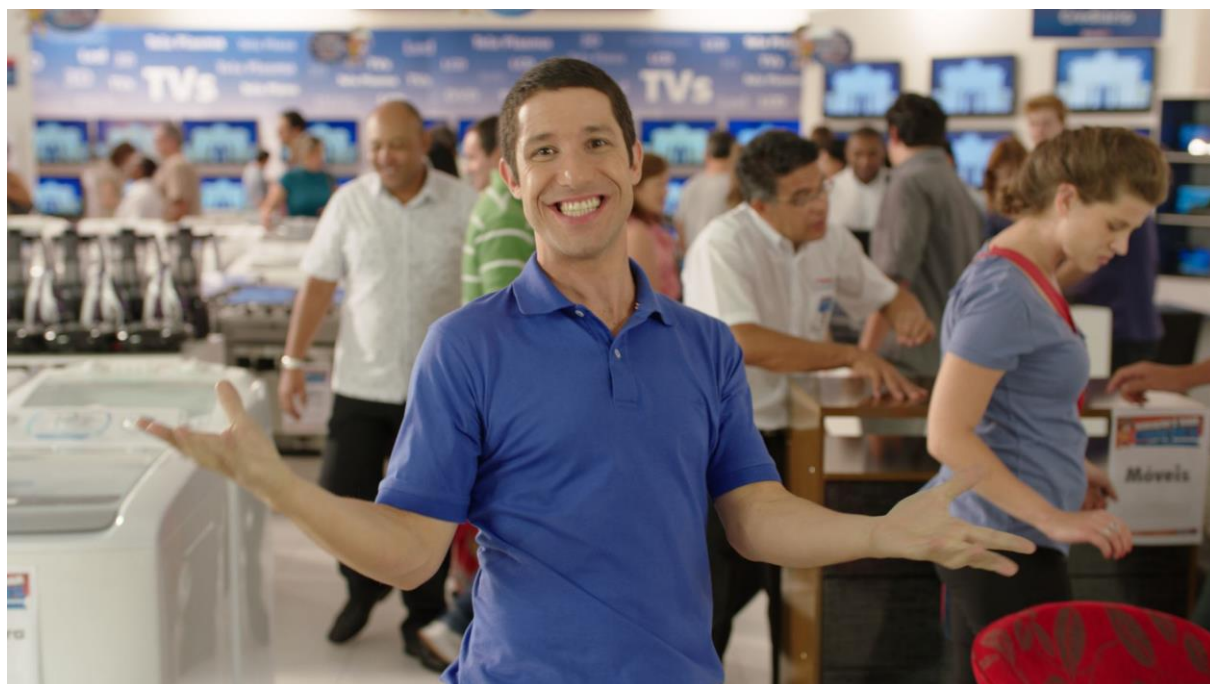
Um segundo momento na análise dromocrática é em relação a empresas de varejo. O varejo é muito veloz em todas as suas nuances, e não se pode perder tempo, pois conta o quantitativo em função do valor percebido. Por exemplo, a chamada “compre agora e pague depois” mostra que o valor percebido só é computado quando o comprador vê que seu investimento é curto em relação às parcelas a pagar. Muitas vezes se compra bens materiais em 12, 24 ou até em 60 meses, sabendo que o produto não vai durar os cinco anos, mas importa “*ter*”. Neste mesmo capítulo verificamos o “*ter*” ao invés do *necessitar*. Uma empresa de varejo que trabalha muito bem o emocional dos clientes em razão da qualidade ou mesmo da necessidade é as Casas Bahia. Suas propagandas são tão velozes que nem as condições de pagamento se consegue ler.

Nesta pesquisa optei por usar a Casas Bahia como estudo para verificar dois itens importantes. A fala do locutor e as linhas que passam “voando” pela tela da TV. Um segundo dentro um uma grade televisiva é caríssimo, dependendo do período mais caro ainda. Se a “dedicação total a você” é para o consumidor, a loja deveria dedicar a atenção em todos os sentidos, da compra às formas de pagamento. A agressividade é tamanha que beira a luta de gladiadores romanos. O circo é formado e partem para a luta do dia a dia. Debord (1997) comenta sobre a espetacularização da imagem das publicidades vistas em empresas de varejo:

A tão evidente perda da qualidade, em todos os níveis, dos objetos que a linguagem espetacular utiliza e das atitudes que ela ordena apenas traduz o caráter fundamental da produção real que afasta a realidade: sob todos os pontos de vista, a forma-mercadoria é a igualdade confrontada consigo mesma, a categoria do quantitativo. Ela desenvolve o quantitativo e só pode se desenvolver nele (DEBORD, 1997, p. 28).

Mas toda espetacularização deixa marcas e cicatrizes. Na propaganda das Casas Bahia não seria diferente. Pelo fato de o perfil dos consumidores não ser de classes mais privilegiadas, a chamada é exclusivamente para as pessoas de baixa renda, que não podem adquirir produtos de marca e tampouco pagar à vista.

FIGURA 13 – Tela da propaganda de televisão Casas Bahia com o ator Fabiano Augusto. Anos 2000



Fonte: Acervo das Casas Bahia

Para as Casas Bahia não é interessante ter clientes à vista. A especialidade é reter o cliente em “suaves prestações”. O grande *link* com a velocidade com os clientes foi a chamada espetacular “**quer pagar quanto?**”⁹. Quando se fala em dinheiro ou condições monetárias dos clientes, quanto mais rápido decidir sem pensar no amanhã melhor. E o ator que faz o papel de vendedor sabe muito bem como agarrar a oportunidade do momento de distração dos clientes.

As ideias melhoram. O sentido das palavras entra em jogo. O plágio é necessário. O progresso supõe o plágio. Ele se achega à frase de um autor, serve-se de suas expressões, apaga uma ideia errônea, a substituir pela ideia correta (DEBORD, 1997, p. 134).

9 Na polêmica campanha das Casas Bahia: “Quer pagar quanto?”. O ator Fabiano Augusto (com mais de 200 comerciais para a rede), colocava à prova pedindo para os consumidores colocarem o preço que quisessem no produto. A princípio parecia ser uma brincadeira, para comunicar a condição facilitada de pagamento, mas o que se viu nos bastidores foi que gerou processos trabalhistas e de consumidores. Alguns vendedores eram motivo de piada por parte de colegas e os consumidores alegavam no direito literal de pagar o preço que quisessem. Fonte: www.portaldapropaganda.com.br

Para que lado essa dança funciona? Na verdade, para os dois lados há a tensão. De um lado, a pessoa reluta em não comprar, de outro o vendedor mostra sua habilidade e velocidade nas palavras e no convencimento. A rapidez de negociação ocorre ali mesmo, no ato da visualização do objeto de desejo. O vendedor só espera a oportunidade de dar o bote e fechar o negócio. Cliente relutante é presa fácil para vendedores ágeis e habilidosos. Para concluir e dar prosseguimento ao outro estudo encerro com um comentário de Breton (1992) ainda acerca da comunicação dentro desse escopo de clientes, produtos, magia, engodo e perspicácia por parte de uns poucos:

O tema da comunicação retoma, desse modo, por sua conta essa crise, avançando de certa maneira no sentido da História: “O conteúdo não tem importância, desde que comunique”. Todavia, no plano antropológico, poderá uma sociedade passar sem um sistema de valores? Parece que não. A comunicação funciona, pois, como valor e mantém-se como referência para a ação humana. Neste sentido é um “valor-quadro”, que corresponde bem à extensão do espaço do argumentável, mais do que um valor dotado de um conteúdo determinado e novo (BRETON, 1992, p. 90).

Outra grande empresa multinacional que se utilizou do vetor velocidade em suas campanhas foi a Telefónica, empresa espanhola, quando no Brasil implantou o serviço *Speedy* para acesso à internet veloz, no começo da década de 2000, como provedor de acesso rápido às redes virtuais. O próprio nome do serviço não foi escolhido aleatoriamente. Seis meses antes de o serviço ser implantado já havia se conseguido transferência em taxas altas de modulação e demodulação, ou seja, a corrida tinha se iniciado antes de a própria *Speedy* oferecer o serviço.

Na cidade de São Paulo, o AJato, da TVA, foi utilizado por centenas de usuários até dezembro de 1999, e com os serviços prometidos para janeiro do ano seguinte, a Telefónica deu início às inscrições para o seu serviço *Speedy*. Voltando alguns meses antes de essa corrida ter início, devemos situar o leitor como se deu esse processo. Durante a Fenasoft – Feira Nacional do Software que acontecia anualmente no país durante o mês de julho, em 1999, houve a apresentação dos testes finais de acesso unidirecional, que permitia o download em altas taxas de velocidade. Mas havia um contraponto; dependia de linhas telefônicas para os serviços de *upload*, o carregamento de dados. Antes de prosseguir com algumas campanhas dos serviços *Speedy*, deve-se entender como se deu o processo dromo-cibernético. Velocidades rápidas para quê? Qual o sentido em uma sociedade saturada de conteúdo os mais diversos?

O sinônimo de velocidade sempre esteve ligado a estar mais presente, ser mais inteligente, estar a par de tudo o que acontece no mundo, “estar ligado!”. O atributo de estar à frente de tudo e quem sabe ser o mais esperto moldou os padrões de uma civilização atenta. E como a Telefônica aproveitou esse modelo nas suas campanhas? Simplesmente, atribuiu à velocidade como seu modelo na distribuição de conexões.

FIGURA 14 – Propaganda *Speedy*. Acelerador *Speedy*. Anos 2000



Fonte: <http://www.propagandashistoricas.com.br>

As campanhas do *Speedy* seguem o mesmo padrão adotado por outras empresas que têm na rapidez seu modelo de propaganda. Trivinho (1997) indicava essa informação escondida pela imagem:

[...] a uma possibilidade de, via interatividade, fazer presente (na tela) o que está fora do campo perceptível; e, vice-versa, de secundá-lo ou de fazê-lo desaparecer, em função da seleção de outros blocos ou painéis de dados [...] não só figuras, desenho e logotipos, mas também relevos virtuais estampados por palavras e letras, grafismos e tracejados, diagramas e palhetas, setas e demais indicadores [...] (TRIVINHO, 2007, pp. 118-119).

O aparente carnaval de imagens, usando aqui uma licença em referência ao título do livro de Mattelart, fulgura nas mais diversas informações, muitas vezes descabida, outras de acordo com o serviço prestado. Para entender essa afirmação, tomemos como ponto inicial a chamada da propaganda, “acelerador *Speedy*”. É

interessante, pois se o serviço é a rapidez de acesso, porque acelerar? Talvez por dois motivos. O primeiro pode ser porque os apelos anteriores cessaram e as pessoas ficaram apaziguadas e sedadas. A sedação que ocorre entre outros motivos, pelo fato de que a própria propaganda necessita se recriar todo tempo. A segunda observação vai ao encontro do que Breton (1992) observa. Ele ressalta esse vetor em dois pontos distintos e ao mesmo tempo dependentes, cultural e tecnicamente:

A comunicação difunde-se, com efeito, como valor através da inovação e por intermédio dos objetos técnicos em que se incorporou. No primeiro caso, trata-se de uma influência intelectual e cultural directa e no outro uma espécie de impregnação pelas utilizações que se podem fazer dos objetos ou de técnicas que servem para comunicar (BRETON, 1992, p. 98).

FIGURA 15 – Propaganda *Speedy*. Speedifique com a Telefonica. Ano de 2005



Fonte: Acervo da Casa de criação de São Paulo

Outra amostra de como a propaganda utiliza recursos por vezes pouco convencionais é o uso de estratégias argumentativas cativantes, que colocam o usuário em dúvida do seu produto ou serviço. Observação pouco ortodoxa de Debord (1997), um tanto apocalíptica, mas importante observar como esse contexto apelativo percorre as entranhas do ser e o dilacera sem Perceber; e quando se atenta está

absorvido em seu ser. Por Ora, o entendimento é compreensível pelo fato de a emoção estar à frente da razão. O “eu tenho primeiro que você” denota velocidade e poder, o próprio poder simbólico. Debord (1997) se posiciona da seguinte maneira em relação a essas observações: “O espetáculo é o apagamento dos limites do eu [moi] e do mundo pelo esmagamento do eu [moi]”. A propaganda do *Speedy* já saturada de artifícios e armadilhas os mais diversos, passa a buscar outra vítima para seus argumentos. Dessa vez são as crianças e jovens. Como todo jovem gosta de jogos eletrônicos, a provedora de Acesso, conhecendo esse contexto foi buscar nesse universo lúdico seu Argumento seguinte. Velocidades maiores? E em tempo real para seus divertimentos? A propaganda tinha a seguinte chamada:” Com *Speedy* você joga em tempo real com gente do mundo todo, sem que a conexão caia, pelo tempo que quiser. Tá esperando o quê para poderosificar sua internet com *Speedy*?”.

Dois itens estão totalmente desconexos. O primeiro é que se o *Speedy* já oferece rapidez não há sentido em ter velocidades maiores. O “tempo real” é o tempo imediato. Impossível, pois o tempo de modulação e demodulação ou simplesmente “*upload*” e “*download*” não faz sentido entre troca de informações. O neologismo “poderosificar” é apenas um ato de clamor. E por último, e não menos importante, embutido nesse engodo que esmaga qualquer raciocínio lógico, é o que ressalto como um dos principais atributos da dromocracia “Tá esperando o quê?”.

Esse argumento já foi visto em campanhas de produtos totalmente diferentes e é certo que funciona.

A propaganda do *Speedy* mostram como o fator argumento é poderoso, malicioso e influenciador. A cautela é sempre bem-vinda quando se trata de captar, ou melhor dizendo cooptar clientes. As figurações da linguagem ao que parece não estão conectadas ao nosso mundo, mas perdidas, e expressando negativamente todo o conteúdo prático de suas ações. A fantasia toma conta do ser, a lógica das ações não é pertinente ao contexto. Então, o suporte das imagens aparece para ao menos resgatar o sentido de uma lógica medíocre. Mais uma vez Debord (1997) comenta que esse momento-movimento pode ser assim descrito:

O consumo espetacular que conserva a antiga cultura congelada, inclusive com o reiterado remanejamento de suas manifestações negativas, torna-se abertamente em seu setor cultural o que ele é implicitamente em sua totalidade: a comunicação do incomunicável. A destruição extrema da linguagem pode ver-se aí reconhecida como um valor positivo oficial, [...] porque o espetáculo cuja função é fazer esquecer a história na cultura. [...] (DEBORD, 1997, pp. 125-126).

Dando prosseguimento à análise do objeto em questão, procuraremos observar outro ponto em que os vetores da velocidade estão inseridos nem sempre de forma correta. A conotação velocidade, tema do início deste capítulo, mostra que com os vetores tecnológicos progredindo descontroladamente, as ações publicitárias muitas vezes não se encaixam, e a função maior das agências é contornar e apresentá-las da melhor forma possível. Venda antes e corrija depois parece ser a mais correta das ilusões apresentadas aos consumidores. Bem, isso na época em que havia o desbravamento em quase todos os setores de tecnologia. Mas implica em um preço a aceleração em ter tudo tecnológico, tudo rápido e velozmente descontrolado. Em pouco tempo houve a saturação dos serviços de telefonia e dos serviços de distribuição de internet, com um colapso nas redes.

FIGURA 16 – Reportagem do Portal UOL acerca do Speedy. Ano de 2011



Fonte: <http://www.uol.com.br>

Outra observação que se deve fazer em relação às propagandas de cunho veloz e seus argumentos é verificar como esse fator é organizado escalonadamente. Primeiramente apresenta o objeto como pode ser bom, prazeroso, solucionador de diversos problemas da vida; ofereceria mais tempo, mas em troca a escravidão por esses serviços. É uma troca relativamente injusta, pois além de escravizar, paga por ele e fica feliz com ele. Anestesia geral, financeira e emocional. Pelo lado emocional

é mais preocupante, pois o valor agregado que se junta às compra às vezes é mais importante que o serviço em si.

Desse modo cairemos nas teorias de marketing, desenvolvidas por inúmeros estudiosos, que são o foco de nossa abordagem. Mas o importante é perceber como o conceito de valor entre o que o cliente “recebe” e o que ele “fornece”, ou paga, determina o seu grau de satisfação em relação ao bem ou serviço. Assim explica o mundo do marketing.

A lógica do bom e barato. Se é bom, não é barato e se é barato não é bom. Mas há um porém. E quando se paga caro por um serviço e ele não é executado corretamente? Os serviços do *Speedy* passaram por uma experiência parecida, e não se sabe qual a razão. Não foi divulgado para a imprensa. Somente a Anatel teve o parecer. Caso tivesse sido distribuída a informação para a imprensa, o que poderia ter ocorrido? Uma delas seria a debandada geral de clientes para o concorrente ou a aceitação da explicação por parte do serviço, e os clientes se sentiriam satisfeitos.

Os movimentos de argumentação que ocorrem nos dias de hoje para produtos e serviços remetem às corridas de “bigas” romanas, em que o mais rápido e o mais forte derruba os demais concorrentes em um mesmo espaço, físico ou virtual. Os modelos de guerra analisados por Virilio (1997) comprovam cada vez mais que o arsenal publicitário se encarrega de realimentá-lo diariamente com uma criatividade sem limites. Se é para ferir ou derrubar o adversário vale qualquer tática bélica. Trivinho (2007) comenta acerca dos manejos informacionais que podem muito bem ser aplicados às propagandas:

A capacidade de ser veloz abrange a competência econômica orientada para a *posse privada plena* (isto é, como base no domo) das senhas infotécnicas de acesso à época (objeto infotecnológico e rede digital à frente)., a competência cognitiva e pragmática no trato da *sociossemiose plena da interatividade* (isto é, o domínio das linguagens informáticas sempre em mutação). e a capacidade (econômica e cognitiva) de acompanhamento da *lógica da reciclagem estrutural* [...] (TRIVINHO, 2007, p. 72).

O progresso dromológico e a dromocracia que se instaurou durante boa parte desse século, pelas informações, linguagens e culturas, provocaram uma patologia, descrita no capítulo anterior como dromopatologias, em virtude da dromoaptidão, que nos moldou para um mundo cada vez mais necessitado de ser veloz. Em todos os sentidos. Nossa vida é regrada por horários, as empresas controlam os funcionários pelos horários. Conduzimos a família e amigos a cumprir regras e ter respostas rápidas; compras, negociações bancárias e contratos, por exemplo. Não se pode

esquecer a chegada do fax, que os tornou mais velozes durante um tempo significativo.

Não contente com o processo evolutivo da velocidade com os meios cibernéticos de troca de informações via redes, a patologia cresceu exponencialmente aos aparatos. Saturados de tecnologia as formas de contato deixaram de ser pessoais, de contato direto, para ser interpessoais na forma indireta, por aparelhos conectados. No estágio atual, totalmente líquidas. Ao menor sinal de cerceamento desconectam-se. A autoestrada do futuro é a mão única para os problemas da civilização moderna em que o dinheiro usado na sua forma mais vil é fonte de medo e insegurança para obter de qualquer modo ou forma o lucro comercial ou político.

Bauman (2007) percebe que a liquidez do mundo moderno está tão diluída quanto as propagandas. É um não contato que cada vez mais separa o homem do seu ser. As propagandas que deveriam cativar clientes e ter sua retenção quase por completo são diluídas em um processo dromocrático. Se há a ideia de uma abertura nas relações sociais, hoje ocorre justamente o contrário. As propagandas de cunho tecnológico e de produtos não cativam por sua proposta. A ideia é coagir, captar, decidir e comprar. Se vai usar é outra história, pois para o capitalismo o importante é o valor monetário. Segundo Bauman (2007):

A quantidade de seres humanos tornada excessiva pelo triunfo do capitalismo global cresce inexoravelmente e agora está perto de se ultrapassar a capacidade administrativa do planeta. Há uma perspectiva plausível de a modernidade capitalista (ou do capitalismo moderno) *se afogar em seu próprio lixo* que não consegue reassimilar ou eliminar e do qual é incapaz de se desintoxicar (há numerosos sinais da cada vez mais alta toxicidade do lixo que se acumula rapidamente) (BAUMAN, 2007, p. 35).

FIGURA 17 – Propaganda parodiando o *Black Friday* americano. Ano de 2013

Fonte: <http://www.vidadeprogramador.com.br>

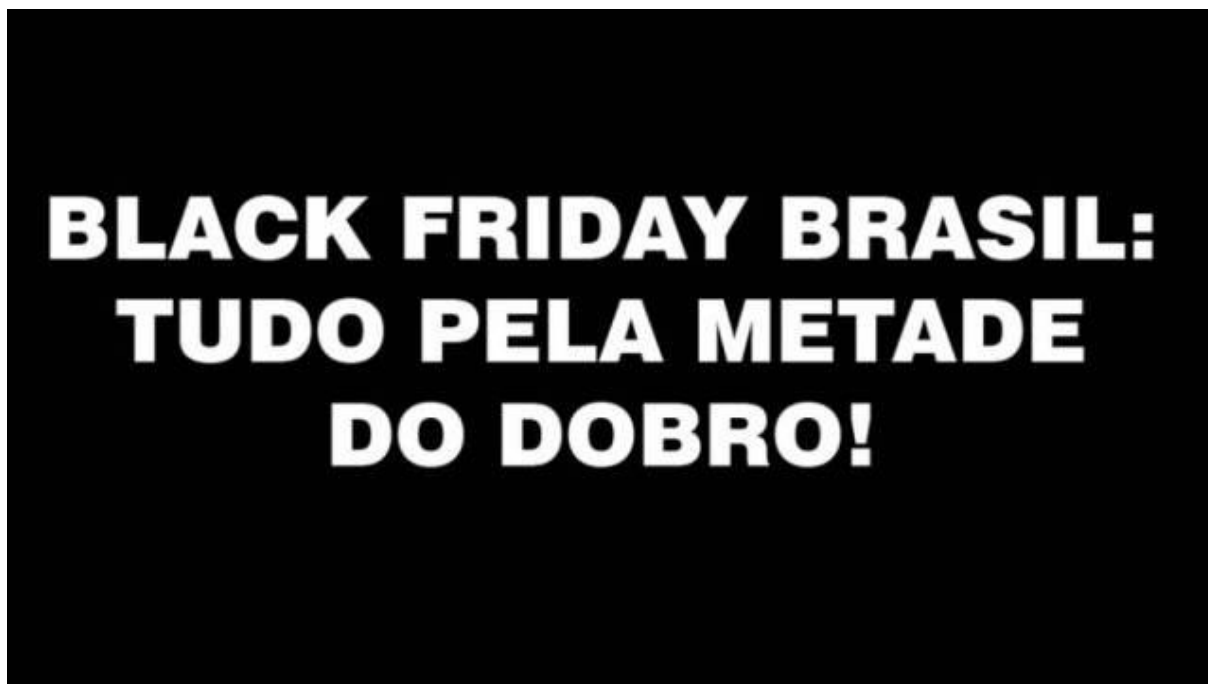
Constatamos nos três exemplos de propagandas que a velocidade de informação e a velocidade de decisão são imprescindíveis. Somo todo o tempo sugados. O cérebro além de processar, deve se manter intacto aos mecanismos.

Durante o período da elaboração desta dissertação presenciei o tão esperado “*Black Friday*” nos Estados Unidos, evento cultural e religioso do país que ocorre exatamente após o dia de Ação de Graças. Nos moldes norte-americanos, com políticas governamentais rígidas dá para se realizar as vendas com descontos muito superiores aos dias comuns.

As empresas no Brasil, observando que essa prática mercadológica era um sucesso, armaram seus produtos com descontos módicos e com propagandas absurdamente ridículas, um escárnio à massa consumidora do país que, com a ajuda dos bancos, estão cada vez mais endividados. Porque o que se oferece, além do produto “barato”, é financiado pelos bancos. Até surgiu uma chamada nas redes, a

“*Black Fraude*”, sugerindo que no país é uma brincadeira de mau gosto. Tudo isso para que a corrida não acabe; e quanto mais lixo eletrônico houver disponível, mais rapidamente se reconectarão e se autor reorganizarão.

FIGURA 18 – Post do *Facebook* sem autoria para o dia do *Black Friday* Brasil. Ano de 2013



Fonte: <http://www.facebook.com>

Mas nem tudo são lágrimas e desespero neste mundo governado por aparatos, correntes dromológicas, cibertecnófilos e cibertecnocratas desesperados por dinheiro, que desovam produtos desatualizados no mesmo tempo em que é lançado. Os movimentos contra hegemônicos surgidos nas décadas mais recentes e de forma mais silenciosa evidenciam que há uma preocupação emergente em desacelerar essa neurose que se espalhou pelo mundo, para ser uma das grandes causas do acúmulo de capital.

O tema a ser abordado no próximo capítulo são os chamados movimentos “*Slow*” surgidos na Europa, mais especificamente na Itália que rapidamente se espalharam ao redor do mundo em 14 anos e como essa corrente tensiona com o vetor da velocidade que está totalmente inserido no contexto social da humanidade. Contrastante ou não, assim a história é escrita e reescrita todos os dias.

4. A RESISTÊNCIA DOS “SLOW” FRENTE À LÓGICA DROMOCRÁTICA

Nem tampouco Alice estranhou ouvir o Coelho dizer para si próprio: “Meu Deus! Meu Deus! Vou chegar tão atrasado!” (Mais tarde, quando pensou nisso, ocorreu-lhe que deveria ter-se admirado, mas naquela altura tudo lhe pareceu muito natural). Mas, no preciso momento em que o Coelho tirou um relógio do bolso do colete, olhou para ele e começou a correr mais depressa. Alice no País das Maravilhas – Lewis Carroll

Figura 19 - *Alice in Wonderland*. Fantasy computer animation comedy adventure film. Rabbit Concept art



Fonte: <http://www.disney.com>

Início o capítulo com o conto Alice no País das Maravilhas, quando Alice vê o coelho pela primeira vez. Na obra, o coelho está sempre correndo e ao mesmo tempo atrasado para tudo. Será mera coincidência ou estamos nesse estágio? Sempre com pressa, correndo, olhando desesperadamente para o relógio e murmurando ao nosso cérebro: “Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Vou chegar tarde!”. Tal qual o coelho?

Sabe-se que os relógios exercem na sociedade a mesma função que os fenômenos naturais – a de meios de orientação para homens inseridos numa sucessão de processos sociais e físicos. Simultaneamente, servem-lhes, de múltiplas maneiras, para harmonizar os comportamentos de uns para com os

outros, assim como para adaptá-los a fenômenos naturais, ou seja, não elaborados pelo homem (ELIAS, 1984, p. 8).

Pessoas correm todo dia e todos os dias, não para nem um instante, nem para comer. Mas quando param, rapidamente se ligam aos dispositivos eletrônicos. Sofremos a “maldição do coelho branco” da obra de Lewis Carroll? Os capítulos anteriores mostraram que as propagandas e o processo dromológico estão engendrados nesse contexto.

Além disso, o dinheiro pode ser usado para dominar o tempo (o nosso ou de outras pessoas) e o espaço. Inversamente, o domínio do tempo e do espaço pode ser reconvertido em domínio sobre o dinheiro (HARVEY, 1989, p. 207).

Por que se está sempre apressado? Em algum momento conseguiremos desacelerar ao menos ter de volta o que perdemos há muito tempo, a qualidade de vida? Existem meios ou maneiras de ter o que deixamos se perder pelo tempo? Qual o remédio para a falta de tempo? A pressa faz-nos deixar os pequenos momentos pelas coisas que gostamos ou desejamos pois pensamos que em algum momento as podemos reaver. O tempo que se foi é o tempo passado, ele não volta. Nas Confissões de Santo Agostinho (2001) retrata o tempo para saber que seu entendimento é deveras intrincado:

Não houve, pois, tempo algum em que não tivesses feito alguma coisa, porque tinhas feito o próprio tempo. E nenhuns tempos te são co-eternos, porque tu permaneces o mesmo; ora, se os tempos permanecessem os mesmos, não seriam tempos. Que é, pois, o tempo? Quem o poderá explicar facilmente e com brevidade? Quem poderá apreendê-lo, mesmo com o pensamento, para proferir uma palavra acerca dele? Que realidade mais familiar e conhecida do que o tempo evocamos na nossa conversação? E quando falamos dele, sem dúvida compreendemos, e também compreendemos, quando ouvimos alguém falar dele. O que é, pois, o tempo? Se ninguém mo pergunta, sei o que é; mas se quero explicá-lo a quem mo pergunta, não sei: no entanto, digo com segurança que sei que, se nada passasse, não existiria tempo passado, e, se nada adviesse, não existiria o tempo futuro, e, se nada existisse, não existiria o tempo presente. De que modo existem, pois, esses dois tempos, o passado e o futuro, uma vez que, por um lado, o passado já não existe, por outro, o futuro ainda não existe? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse a passado, já não seria tempo, mas eternidade. Logo, se o presente, para ser tempo, só passa a existir por que se torna passado, como é que dizem os que existe também este, cuja causa de existir é aquela porque não existirá, ou seja, não podemos dizer com verdade que o tempo existe senão porque ele tende para o não existir? (SANTO AGOSTINHO, 2001, pp-111-112).

A cultura dromocrática e o ideal pelo acúmulo de capital mostram que será melhor quanto mais rápido for o vetor da velocidade. Percorremos tão apressados, e tudo e todos nos fazem perder tempo, tornando-se nossos inimigos. Mas enquanto

pensarmos velozmente, e que o nosso ritmo é o ritmo da natureza, prosseguiremos como o Coelho: de relógio na mão, sempre atrasados. Sem tempo, sem vida pessoal.

Horror ao vazio é o lema da nossa civilização tecnológica, é o dístico de nossa era, o grande slogan que está em todas as cabeças: fazer, fazer, fazer, jamais parar de fazer. De alguma forma nos sentimos máquinas, máquinas de operação ininterrupta, sem descanso, que precisam incessantemente ouvir o som das engrenagens, o tique-taque dos cronômetros, o movimento das correias, o girar dos discos, a lubrificação permanente. Temos de funcionar, funcionar, funcionar. A ideia de parar nos é aterrorizante, sufocante, ela sequer é considerada (MARCONDES FILHO, 2012, pp. 59-60).

Movimentos os mais diversos ao redor do mundo desafiam o culto da velocidade, tentando a comprovação de que, mais devagar é melhor. Movimento *Slow* significa melhorar a condição da natureza humana e procurar encontrar um equilíbrio entre o mundo rápido e o mundo lento e faz a apologia de viver adequadamente para o bem estar social, pessoal e ambiental. Nesse ponto cabe um comentário pontual quando Harvey (1989) descreve o momento social que serve para o *Slow*:

As ordenações simbólicas do espaço e do tempo fornecem uma estrutura para a experiência mediante a qual aprendemos quem ou o que somos na sociedade (HARVEY, 1989, p. 198).

4.1. Os movimentos *Slow* como aproximação do bem-estar

O conjunto de crenças e de sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade forma um sistema determinado que tem sua vida própria; pode-se chamá-lo de *consciência coletiva* ou comum (DURKHEIM, 1999, p. 74).

Em 1986 surge na Itália o movimento *Slow Food* que confrontava os valores do *Fast Food*, associado ao comer depressa para ter mais tempo. O movimento aumentou de intensidade; foi incorporado por pequenas cidades, que rapidamente aderiram ao seu discurso; a partir desse momento desenvolve-se o selo *Slow Cities*. Assumindo maiores proporções. Essa tendência se alastrou na Europa, e conquistou o mundo com seu discurso de desaceleração; a dinâmica gerou vários segmentos, sendo essencial dividir as diversas categorias e ampliar seu campo de ação social.

O Movimento em sua base, implica um conceito atual e humanista se renovando com ideias e trabalhos práticos; acredita-se ser uma tendência crescente

em todo o mundo e pertinente no atual quadro social e econômico. O interessante desses movimentos é perceber que não há um perfil padronizado de adeptos, que se sentem identificados pelo programa e seus princípios; sabem da importância em se ter um ritmo de vida desacelerado, dando mais valor à simplicidade da vida. Por esse motivo concordam com a ideia geral básica de diminuir o ritmo. Partindo desse quadro desacelerado é mais fácil o entendimento, podendo se engendrar nos significados de qualidade em qualquer órbita social e em qualquer sistema. David Harvey (1989) relata alguns padrões sociais no tempo e no espaço:

Os recursos temporais finitos e a “fricção da distância” (medida em tempo e gasto necessários para vencê-la) restringem o movimento diário. É preciso encontrar tempo para comer, dormir etc., e os projetos sociais sempre encontram “restrições de contato”, especificadas como a necessidade de intersecção das trilhas de tempo-espço de dois ou mais indivíduos para que qualquer transação social seja realizada (HARVEY, 1989 p. 195).

Alguns movimentos mais significativos do *Slow* que se tem conhecimento são: *food, movement, work, design, home, travel, money, living, parenting*.

Cada qual com sua linha de atuação e regras, esses movimentos nos dão ideia como a saturação tecnológica invadiu a sociedade e nem mais se compreende o valor da desaceleração. O que esse movimento pode oferecer em troca de uma vida melhor e mais saudável? A culpa da evolução tecnológica está em nós mesmos e nos valores culturais impostos. Quanto mais tempo temos, mais tarefas teremos que absorver e realizar, é a lógica mecanicista.

Castoriadis (1975) observa esse aspecto dos valores culturais e alienação e traça importante comentário acerca da alienação na sociedade que vem bem antes da estruturação como sociedade que conhecemos:

Va más allá, porque la alienación existió en las sociedades que no presentaban una estructura de clase, ni siquiera una diferenciación social importante; y porque, en una sociedad de alienación, la clase dominante misma está en situación de alienación: sus instituciones no tienen con ella la relación de pura exterioridad y de instrumentalidad que le atribuyen a veces algunos marxistas inocentes, no puede mistificar el resto de la sociedad con su ideología sin mistificarse al mismo tiempo ella misma. La alienación se presenta primero como alienación a la sociedad e sus instituciones, como autonomización de las instituciones con respecto a la sociedad. ¿Qué es lo que se autonomiza así, porqué y cómo? Esto es lo que se trata de comprender¹⁰ (CASTORIADIS, 1975 p. 197).

¹⁰ Vai mais longe, porque a alienação existia nas sociedades que não possuem uma estrutura de classe, mesmo uma importante diferenciação social, e porque em uma sociedade de alienação a

Somos bombardeados por mensagens culturais para sermos mais rápidos, e se desacelerarmos iremos perder; a perda da dromoaptidão equivale à perda de valor monetário. A lentidão equivale ao fracasso. O movimento *Slow* postula é sempre buscar o equilíbrio, ou seja, acelerar e desacelerar no tempo certo. Esses movimentos não caminham ao encontro da evolução da sociedade; reconhecem que as transformações foram importantes para o desenvolvimento do mundo, inclusive nas conquistas bélicas, quando a velocidade era fator primordial nas batalhas. Surge como modelo alternativo do mundo contemporâneo. Neste quesito a tecnognose¹¹ aplicada aos novos modelos é uma adaptação do que já existia, existe e que num futuro existirá.

Nos novos movimentos que buscam a aproximação entende-se que a procura por soluções que não estão na tecnologia e sim na forma de suporte dos aparatos, ganha mais adeptos a cada dia. Ora porque os modelos tradicionais tecnológicos solucionando os problemas rapidamente e quanto mais tempo mais escravos, ou porque há a necessidade de se desligar dos aparatos e procurar pelo “*self*”. Na jornada humana, a procura de soluções cooperassem ou caminhassem ao lado fez com que a humanidade se tornasse dependente e o sentimento humano se perdesse. Atualmente, esses modelos estão sendo revistos em diversas áreas do conhecimento para que de alguma forma se resgate o que se perdeu pelo tempo. O tempo do ser e acontecer. Caminhando um pouco mais nesse vetor da desaceleração, alguns países fora do contexto europeu veem esses movimentos com bons olhos. Reticentes talvez, porque em tudo o que é novo e sobre o qual não se pode ter o completo entendimento há restrições.

No Brasil, o estudo e o consenso desses movimentos são bastante escassos por estarem num contexto ainda em desenvolvimento e em fase organizacional. Mas

própria classe dominante está estado de alienação: suas instituições têm com relação puramente externa a instrumentalidade atribuída às vezes a alguns marxistas inocentes: não podem mistificar o resto da sociedade com a sua ideologia, sem simultaneamente mistificar-se a si mesma. A alienação é apresentada pela primeira vez como a alienação na sociedade e suas instituições, como a emancipação das instituições na sociedade. O que autonomiza assim, por que e como? Isto é o que se trata de entender (CASTORIADIS, 1975 p. 197).

¹¹ (s.f). Etim.: tecno, do grego techné, arte, ofício; associado a gnose, do gr. Gnôsis, conhecimento, sabedoria. A definição na íntegra é firmada por Wilson Roberto Vieira Ferreira e consta do Dicionário da Comunicação, organizado por Ciro Marcondes Filho (MARCONDES FILHO, 2009, pp. 336-337).

em contrapartida, para os estudos de consumo é bem cabível haver um entendimento sobre o tema *Slow*, pois identifica-se uma tendência que influenciará principalmente o mercado consumidor, como vimos nos “*Black Friday*” ao redor do mundo e principalmente no Brasil. Cabe nesse ponto estudar e procurar entender o tema desconhecido e não menos importante pois as teorias são ainda escassas e sem a devida literatura pertinente. Para isso basta verificar o caráter blindado citado por Ciro Marcondes (2012) que ainda marca nossa dependência de antigos padrões:

O filósofo Henri Bergson dizia que quando estamos em sociedade usamos uma crosta, um tipo de armadura social, e que, ao fazermos isso, nos tornamos autômatos e abdicamos de nossa liberdade (MARCONDES FILHO, 2012 p. 17).

Na Europa, as teorias estão em constante mutação, e as cidades certificadas pelo *CittàSlow*¹², hão de buscar a melhoria e qualidade de vida dos seus habitantes e dos turistas. No Brasil apenas duas cidades buscam a certificação, e devem preencher uma série de itens, o que dificulta bastante o entendimento. Há obstáculos para encontrar os “desacelerados”; e os estudos devem ser mais explorados.

Como todos os modismos, ou qualquer outro nome que se possa escolher caberá aqui, que o homem tem presenciado, vivido e experimentado, o tempo nada mais é do que algo reescrito. Nos parágrafos seguintes retomaremos o tempo antes da Revolução Industrial e daí nós vamos nos transpor aos movimentos *Slow* novamente apenas para confirmar o “reescrito”. Há a necessidade de compreender como esses fenômenos sociais surgem de uma exigência de sobrevivência da espécie humana, é compreender como o tempo é inserido e visto nesse contexto e acerca do tempo os autores o descrevem das mais variadas formas.

O processo civilizatório do período antes da Revolução Industrial tinha no campo seu maior atributo de valor. A vida prosseguia de acordo com o que a terra podia dar naquele momento. Pensando por esse prisma, já existiam os movimentos *Slow* sem ao menos serem assim compreendidos. Todas as pessoas ativas trabalhavam para determinada sociedade local. Cultivavam produtos onde moravam, as cidades eram pequenas, o próprio cultivo bastava. Não havia máquinas que pudessem substituir o homem. O cultivo era da terra pela terra. Com o advento da

¹² Movimento fundado na Itália em outubro de 1999, inspirado no *Slow Food*. O objetivo inclui a melhoria da qualidade de vida nas cidades, diminuindo o ritmo global, em especial o fluxo da vida e do tráfego. Tendência cultural conhecida como o movimento *Slow*. Fonte: <http://www.cittaslow.org/>

Revolução Industrial, há a grande reviravolta da aceleração, quando o principal, era produzir mais em menos tempo; uma fábrica produzia em um turno era o que um artesão demorava anos para concluir. A condição social saltou do tempo lento; já não era mais possível caminhar em um ritmo natural e nem voltar aos antigos modelos.

Surgem várias inovações que caminharam da agricultura à engenharia, passando pela ciência e religião. As invenções surgiram para facilitar a vida do homem, sua locomoção em grandes distâncias e nas comunicações.

Segundo o sociólogo alemão Hartmund Rosa (2013): “a humanidade vive uma doença do tempo” em seu livro “*Beschleunigung und Entfremdung*” (aceleração e alienação), ensaio não publicado no Brasil¹³.

Larry Dossey, médico norte-americano criou o termo a “doença do tempo” para descrever que o tempo urge e se escoa, foge de nossas mãos como água. Essa patologia está encravada na sociedade moderna¹⁴ que se enraizou nesse nosso contexto dromológico. Todos nós estamos de alguma forma imersos no mesmo “culto”, o da velocidade. cremos que a desvantagem maior dessa veneração são as ligações afetivas. Não há tempo para uma conversa, atitude que em décadas passadas era vista em qualquer canto das cidades. Pessoas conversando na janela, encontrando-se nas praças e nas ruas. Crianças brincando sem se preocupar com o tempo e sem deixar de realizar seus afazeres. O contato se transformou em uma atitude líquida. Bauman (2007) vê que o tempo líquido ou os medos líquidos são a maior herança deixada pelo tempo veloz:

Os medos especificamente modernos nasceram na primeira rodada da desregulamentação-com-individualização, no momento em que os vínculos inter-humanos de parentesco e vizinhança, estreitamente atados por laços comunitários ou empresariais, aparentemente eternos, mas de qualquer modo sobrevivendo desde tempos imemoriais, tinham sido afrouxados ou rompidos. O modo sólido-moderno de administração do medo tendia a substituir os vínculos “naturais” irreparavelmente danificados por seus equivalentes artificiais. [...] unificadas por interesses compartilhados e rotinas diárias. A solidariedade contra um destino cada vez mais perigoso (BAUMAN, 2007, p. 73).

As ligações afetivas estarão em risco com o fator aceleração cada vez mais demarcando espaço no convívio social. Como estabelecer laços de afetividade se não

¹³ Parte da matéria veiculada na revista Valor Econômico de 23 de agosto de 2013;

¹⁴ A partir do advento da Revolução Industrial os aparatos foram desenvolvidos para otimizar a produção.

há tempo? Assim escutamos todos os dias, “estou sem tempo”. É tão automática a resposta que muitas vezes nem sabemos o porquê. As relações sociais se dissolvem, pais e familiares desmoronam laços afetivos pelo fato de estarem sempre correndo e trabalhando e trabalhando correndo, e se esquecem que há pessoas que dependem de afetos e carinhos.

A obsessão pelo correr, pelo tempo é uma condição para o acúmulo de capital das organizações e do social; rentabilizar a vida é ficar ligado nas próprias entranhas, capitalizando tudo e todos em vista do tempo. Obsessão pela obsessão, apenas.

Com isso, o retorno é a perda da expectativa relacionada na conquista. Por exemplo, se algo não flui em determinado tempo, a frustração é equivalente ao tempo gasto. Herança de uma cultura do imediato. O reverso é fato, se vivêssemos em uma sociedade desacelerada na qual o triunfo da conquista seria equivalente ao tempo gasto e não na velocidade gasta. Pois bem, o ato de ganhar ou perder tempo está intrinsecamente ligado à capacidade de o homem mudar atitudes perante a vida; usá-lo a favor ou contra depende de nós.

A partir dessas observações acerca do tempo e da velocidade da Revolução Industrial aos dias de hoje, percebemos que por muito tempo as pessoas se distanciaram do principal momento que podia ter regulado a vida e contribuído de alguma forma para sua evolução. Essa evolução não deixou marcas profundas, mas de algum modo deixou traumas.

Após o relato dos acelerados, retornamos aos movimentos *Slow* para continuar a dar o parecer sobre ele. Algo me chamou a atenção quando do estudo desse movimento de desaceleração. As comunidades *Amishes*¹⁵ vivem há séculos nos EUA, não seriam a espécie primal de comunidade *Slow* que resistiu à Revolução Industrial; eles não tem computadores, rádios, televisões, pelo fato de não haver energia elétrica. São radicais mas perduram até hoje e usam a comunicação primária (corpo) e secundária (impressa). As gerações mais recentes veem a tecnologia e os prazeres da vida mundana com “bons olhos”¹⁶. Somente a título de observação a referência à essa comunidade foi feita.

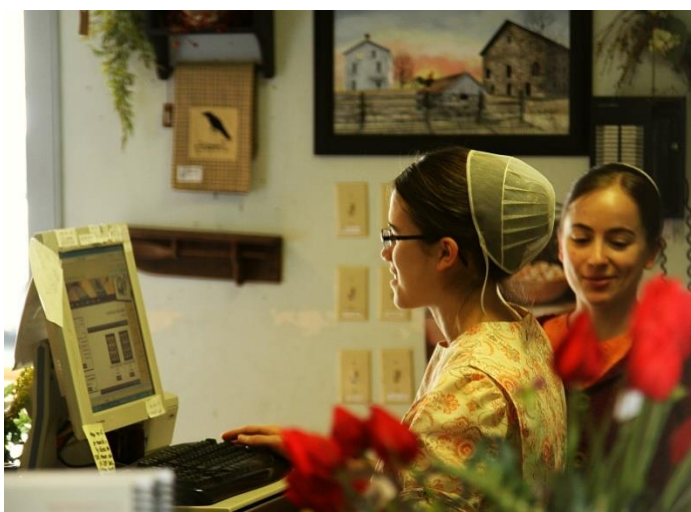
¹⁵ Há muitas variações sutis entre o povo *Amish*. Aparentemente, integram quase sempre as ordens menonitas conservadoras e as duas são sempre confusas. Alguns *Amishes* já se separaram e regressaram às comunidades menonitas. “Velha Ordem” do Condado de Lancaster, Pensilvânia, que são os mais velhos, mais conhecidos e supostamente os mais bem-sucedidos, representando talvez 10% do total da comunidade *Amish*;

¹⁶ *Breaking Amish* (2012). TLC – *The Living Channel*

Alguns pensadores modernos, como Guy Claxton, psicólogo britânico constata que a aceleração hoje seria uma segunda natureza humana; para ele, o culto da velocidade é uma psicologia íntima na economia de tempo e da maximização da eficiência, mais forte a cada dia. Mas o que importa nos movimentos *Slow*, são que esses princípios de desaceleração sejam inspiradores para todos e para tudo serem melhores. Um pouco mais devagar talvez. Só assim podemos aproveitar e ver a vida passar.

A filosofia dos movimentos espalhados pelo mundo é a de que vivemos num mundo submerso de acelerações contínuas, engendrado em uma corrida íntima onde cronometrar tudo satisfaz o ego; quando se alcançam as metas, ganha-se a glória eterna e determina-se seu poder. O entendimento do desconectar desse mundo imaginário e ligar-se ao mundo natural. A natureza tem seu tempo, o que parece ser algo intangível no ocidente.

Figura 20 – Garotas Amish com uma visão mais atual. Pensilvânia, EUA. 2010.



Fonte: <http://www.gettyimage.com>

Figura 21 - Comunidade *Amish*. Lancaster, Pensilvânia, EUA. 2010.



Fonte: <http://www.shorpy.com>

Pensamos em nós mesmos o tempo todo, acordamos anônimos e dormimos mais anônimos ainda porque as cidades estão no anonimato interessadas nelas próprias. Com o advento dos movimentos *Slow* há a necessidade de pensar como um fator agregador e não como contracorrente que não aceita modificações ou intervenções. A ideia principal dos movimentos voltados para a sociedade é mostrar que existe uma maneira ou pelo menos se apresenta não como redentora ou salvacionista, mas que há a possibilidade de uma vida melhor e mais no compasso, mostrando a cada indivíduo o caminho que se pode percorrer sem sair com traumas ou danos. A peça fundamental é analisar e julgar o que é correto para nosso dia a dia. Como comentado, quando acelerar e quando andar devagar? Acelerar no momento oportuno e que não cause estresse, e andar devagar quando a vida permite, que parece a melhor filosofia do movimento. Usar o bom senso sempre em qualquer situação.

Nesse escopo dos *Slow*, o pensamento é dos movimentos e atitudes lentas; as atitudes lentas são dos distantes do mundo acelerado, e que muitas vezes as mais

seguras. Mas em contrapartida, nesse novo modelo as decisões tomadas ao acaso e feitas ao mesmo tempo com outras atividades resultam em algo positivo e/ou benéfico.

Figura 22 - Comunidade *Amish*. Lancaster, Pensilvânia, EUA. 2010.



Fonte: <http://www.shorpy.com>

Realizar tarefas do dia a dia ao mesmo tempo leva a atos ordinários e mecanicistas e banalidades nos diferentes contextos. A inatividade e a contemplação nunca foram sinônimos de vazio; se assim fosse, os artistas renascentistas seriam “ocos” de corpo e alma. A lentidão nos remete ao resguardo das nossas ideias para dar o alicerce de como proceder positivamente. A meta está em oferecer recursos às pessoas, e que as suas ações não sejam atitudes impensadas, infundadas e totalmente desprovidas de interesse e de atrativos. Puramente sem graça, monótono, afastam o estigma de uma vida regrada pelo ponteiro do relógio ou pelos *leds*, *bits* e *bytes* do computador, que velozmente nos tiram a capacidade de aproveitar o momento tão esperado sem deixar os afazeres obrigatórios de lado. Nossa vida!

Os *ex-speedholics*¹⁷ (2004), que viram no movimento *Slow* uma oportunidade de rever sua vida, estão certos de que bem organizados podem gerar uma contra cultura de modo a influenciar as próximas gerações a acreditar e aceitar que correr devagar será o imperativo da sociedade.

Parece ser início o de uma revolução cultural, uma alteração dramática na maneira de pensar acerca das relações tempo, velocidade e lentidão. A arte está em priorizar a qualidade à quantidade. O que ocorre atualmente é a forma invertida. Mais e mais pessoas que aderem aos *Slows* dizem: “Quero mais qualidade”. E como chegar lá, quebrando o paradigma que esses movimentos sugestionam? Desacelerar sempre. É dessa maneira que há conquistas, enfrentando o panorama mundial que defende a velocidade.

Para se ter um exemplo, os produtos culturais também padecem da velocidade, e reverter esse quadro é problemático. O esforço em propaganda gasta em livros é enorme, e tudo para haver um tempo para si mesmo. Os grandes vilões da leitura são os computadores e jogos de videogames. Para combatê-los nada melhor que um bom livro com uma boa propaganda para atrair a atenção da faixa etária mais suscetível em experimentar o novo. Um belo exemplo são os livros de aventuras, nos quais o leitor dita o ritmo, podendo transitar do acelerado ao lento sem perder o foco.

Mas o grande questionamento é quem são os organizadores desse movimento que está colocando em risco, ou pelo menos se supõe que estejam, todo o império do capitalismo que busca na velocidade seu maior aliado. O que ocorre pensando de forma bem cartesiana é que não se pode atribuir valores errôneos sem ao menos saber sua essência. Ao que parece, o termo “lentidão” em nossa cultura ocidental é algo pernicioso. Dormir mais e trabalhar menos. Tudo é bom, da velocidade ao ócio total, e que não é só de idosos que esse grupo é formado. A quantidade de jovens que percebem que não é na loucura do dia a dia que se resolvem as situações está aumentando.

Mais uma vez, o grande paradigma é como quebrar as barreiras sociais e solucionar o fenômeno que veio se moldando através dos séculos. Há os defensores

17 Termo cunhado por Carl Honoré, jornalista escocês radicado no Canada, autor do livro “Elogio à lentidão” e “Devagar” lançado em 2004.

ferrenhos do “culto” ao veloz, e que, sem ele, a humanidade, está fadada a ser extinta, não sobreviveria no mundo competitivo.

Há um grande tabu sobre a lentidão em nossa cultura, que a coloca como sinônimo de algo ruim, de preguiça, de dormir muito e trabalhar pouco. O *Slow Movement* está dizendo que a desaceleração pode ser boa. A velocidade é boa, a rapidez é boa, mas a lentidão também. É importante saber que esses grupos não são compostos por pessoas velhas e “preguiçosas”. Há muitos jovens envolvidos nessa mudança. Parece que chegamos a uma encruzilhada com duas opções: ir cada vez mais rápido até chegar ao esgotamento de nossa cultura e mergulhando na extinção, ou escolher uma outra via, em que, sim, podemos ter tecnologia e velocidade, mas há espaço para a quietude, o silêncio, saber que em algum momento da vida já estivemos com tudo hiper repleto. Lembrando que Blaise Pascal¹⁸ descreve a patologia como “*horror vacui*” no livro “Pensamentos”, em 1670, sobre as aflições e tormentos que afetavam o homem.

As impressões antigas não são as únicas capazes de nos iludir: os encantos da novidade tem o mesmo poder. Daí provem todas as disputas dos homens, que se recriminam, ou por se deixarem levar por falsas impressões da infância, ou por seguirem temporariamente as novas. Quem tem o justo meio? Que apareça e que o prove. Não há princípio, por natural que possa ser, mesmo desde a infância, que não faça passar por uma falsa impressão, seja da instrução, seja dos sentidos. Porque, diz-se, acreditastes desde a infância que um cofre estava vazio quando nele não vís nada, acreditastes o vazio possível; é uma ilusão dos vossos sentidos, fortificado pelo costume, que é preciso que a ciência corrija. E os outros dizem: porque vos disseram na escola que não há vazio, corromperam o vosso, senso comum, que o compreendia tão nitidamente antes, com essa má impressão que é preciso corrigir recorrendo à vossa primeira natureza. Quem, pois, enganou? os sentidos ou a instrução (PASCAL, 2002 pp. 238-239).

Pensando em como ilustrar esses dois paradigmas tão antagônicos, um exemplo emblemático é a história em quadrinhos: duas situações tão diferentes mas ao observar melhor estão distribuídas na mesma linha de pensamento: Os *Jetsons* e os *Flintstones*.

¹⁸ Blaise Pascal foi físico, matemático, filósofo moralista e teólogo francês. 1623-1662.

4.2. O paradigma dos *Jetsons* e dos *Flintstones*

O que sugere o desenho animado? Uma dura realidade da nossa sociedade na pele dos personagens coloridos que permearam o imaginário das crianças, ou apenas a dura realidade de quem projetou para si a aceleração e a tecnologia. Os *Jetsons* são o estereótipo dos ciberufanistas, e que todos os problemas estão solucionados com os aparatos tecnológicos, mas ao mesmo tempo vivem os dramas do dia a dia; as relações interpessoais devem ser resolvidas frente a frente, no caso deles, pelo videofone.

Figura 23 - Tela do desenho animado comemorativo dos 50 anos dos *Jetsons*. Ano de 2012



Fonte: <http://theeyeffaith.com/2012/09/25/the-jetsons-turn-50/>

Sempre há a solução no toque do botão para todos os afazeres diários. Aí está o exemplo da velocidade cuidando do dia a dia e sempre atrasados, pois mais *techno* que seja, o lado humano prevalece. Mas se observarmos a fundo, sentem necessidade extrema de contato, caso contrário, nem cachorro teriam. Ainda resta algo de humano nesses personagens candidatos a pós-humanos.

Figura 24 – Logo da Família *Jetson*. Ano de 1987



Fonte: <http://freshome.com/2013/03/22/what-you-can-learn-from-the-jetsons-about-home-automation/>

Na outra ponta, bem diferentes, estão os *Flintstones*, que vivem uma vida totalmente dependente do que a terra dá. Utilizam os animais como ferramentas para o dia a dia, o contato humano se faz necessário. O tempo é o tempo da vida, contado pelo relógio do sol. Os movimentos não são cibernéticos e as ações não são controladas por computador.

Será que os *Slow* e tudo que ele representa não são o espelho da cidade de “*Bedrock*” onde os *Flintstones* vivem? Preferem o ritmo dos “*Amish*” e ter um estilo de vida mais livre e liberto, procurando no simples uma forma de viver melhor e indo de encontro aos “cibers”. Em determinado ponto do desenho o garoto solta a seguinte

frase: “Talvez tenhamos avançado tanto no futuro que o mundo voltou para o passado”.

Se os *Flintstones* e os *Jetsons* são o espelho de nossa sociedade e os ritmos de vida acontecem no mesmo universo e no mesmo tempo essa afirmação pode ser aceita como verdadeira.

Cá embaixo os *Flintstones*, lemos *low*, vivendo sua vida no tempo lento, e lá em cima os *Jetsons*, que vivem a vida automatizada, no alto do céu. Abre-se a pergunta: Eles vivem acima do quê? Movimento por movimento, cada um tem o seu, e procura ser feliz dentro daquilo que satisfaz naquele momento. A procura da felicidade não está naquilo que dá satisfação, mas no que a sua satisfação terá ao longo dos anos. Na página seguinte, uma arte que bem representa e expressa esse contraste está na obra de *Andrew Kolb* (2013).



Figura 25 - Obra de *Andrew Kolb*. Ano de 2008

Cartoon Conspiracies Diptych

My contribution to the Where is My Mind? art show at Bottleneck Gallery. Two conspiracies stood out and they served as my inspiration. One states that The Flintstones and Jetsons existed at the same time. – Andrew Kolb.

Fonte: <http://kolbisneat.com/conspiracies.htm>

Díptico em desenhos animados

Minha contribuição para mostra de arte na Galeria Bottleneck, intitulado “Onde está minha mente”? Duas conspirações se destacaram e que serviu como minha inspiração. Uma afirma que Os Flintstones e Jetsons tenham existido ao mesmo tempo.
- Andrew Kolb.

Fonte: <http://kolbisneat.com/conspiracies.htm>

Fonte: <http://kolbisneat.com/conspiracies.htm>

Figura 26 - Tela do desenho animado. *Jetsons meet Flintstones*. 1987



<http://animatedviews.com/2011/the-jetsons-meet-the-flintstones/>

Os movimentos que ora se apresentam parecem dizer que precisamos aprender de novo o valor do toque humano. Coisas simples, como abraçar, apertar a mão, o ósculo sincero na face ruborizada da moça e dos moços. Andar ao lado apenas por andar. Momentos que a tecnologia do apressado nos furtou, e de algum modo não conseguimos resgatar. Na década de 1960, Harry Pross¹⁹ propôs uma abordagem na área da comunicação: “Toda comunicação começa no corpo e nele termina”.

O resgate desse contato é necessidade vital para a continuidade das relações humanas. Por ora, em termos de contato humano existe a desconfiança de que tudo, para todos, é uma suspeita ou pelo menos uma interpretação desconfiada. Novamente os movimentos *Slow* contribuem para esse resgate. Tomo a liberdade a

¹⁹ Nasceu na Alemanha em 1923; jornalista e professor de teoria da mídia, contribuiu para o desenvolvimento e fortalecimento epistemológico no campo da Comunicação Social. Autor da Teoria da Mídia que vai além das tradicionais Teorias da Comunicação.

partir desse pensamento de parodiar e criar um movimento, o *Slow Touch*. Parece ser a melhor alternativa para a reaproximação do convívio.

4.3. O perder tempo não significa ser vazio

Da Revolução Industrial aos dias de hoje, a sociedade se projetou nas máquinas. Isto quer dizer que nos tornamos cópias por nos encantarmos com sua rapidez e com o seu desempenho; tivemos nelas um projeto de vida, e assim prosseguiremos com os aparatos tecnológicos, nos servindo da melhor forma possível e no mesmo instante sendo impossível ter o tempo livre e silencioso. A máquina parece ser aquilo que o homem não conseguiu alcançar nos moldes tradicionais.

A humanidade está em processo de mutação na forma de falar, agir e trabalhar. Só há a consciência dessa afirmação se se olhar para trás e ver o quanto avançamos em uma área e regredimos em outra. Somos constantemente influenciados pelas mudanças de época, por esse motivo não devemos temer o novo. Os movimentos *Slow* mais uma vez mostram que o tempo “ocioso” não é o tempo do fazer “nada” no sentido lato da palavra.

É estar acompanhando as situações sem mudar o hábito, e preservar atitudes e comportamentos. Toda mudança gera desconforto. Pensar em ter os pés no chão dá a falsa sensação de segurança e nos limita a pensar o diferente. Fica estagnado no “estruturado”, com as certezas firmadas, o “estar” morto. Ao contrário dos “*speeders*”, para os adeptos do movimento, a vida não pode ser uma repetição ora mecânica, ora eletrificada. Tanto movimento e tanta agitação sem parar para respirar, olhar ao invés de ver, falar ao invés de conversar, estar ausente quando se exige a presença. As situações não podem ser intermináveis. O instante muitas vezes se prolonga no tempo.

Essa proposta do ócio sem ser estagnado assusta, pois a humanidade é reticente ao vazio. O vazio assusta e ao mesmo tempo fascina.

Muitas vezes pensamos em estar numa praia descansando e logo depois vem o sentimento de vazio, do nada fazer; outras pessoas se assustam quando falamos que temos 40 dias de folga. É um espanto! Sempre estamos fazendo alguma coisa. A contemplação é uma atividade do ser humano. E quando temos consciência que podemos contemplar ser perder tempo, aí sim estamos vivendo.

O trabalho em articular ociosidade com atividade não tem cronologia. É um exercício diário, mas para algumas pessoas “perder tempo” é impossível. O ócio não tem nada a ver com a vida tediosa. Mesmo porque o tédio está ligado à sensação de desgosto, ou vazio, sem causas objetivas claras. O deleite do ócio é aprofundar no mundo, a imersão do ser para outro ser. É observar sem interferir nas pessoas e em seus relacionamentos. É totalmente antagônico das interações *Fast*. O ócio e o vazio estão em toda parte como um “local” real, estão totalmente inseridos no contexto da vida. A pergunta que muitas vezes nos fazem: o que é a vida? A resposta mais uma vez não existe. Acredita-se que é uma sequência de experiências mal ou bem vividas. Mal vividas por aqueles que acharam que perder tempo os atrasaria; os que bem viveram porque acreditaram que acumular tempo os levou a uma vida mais regrada e pausada. Aproveitaram do ócio para contemplar e aprender por essas vias.

É possível afirmar que o grande mal-estar da civilização é acreditar que por meio dos aparatos, o tempo será solucionado e a emancipação consolidada. É acreditar no tempo sem existência material e adaptar a vida, e acreditar que é uma verdade absoluta; na realidade, a única coisa realmente valorada humana e naturalmente, que não nos mata de forma alguma, é o tempo. O tempo concreto.

Se nos foi dada a capacidade de dormir, relaxar e sonhar para encontrar soluções para nossos dilemas, por que correr, correr, correr? As pessoas que têm a ansiedade de terminar logo veem no vazio a angústia. E quando se chega ao ponto final dos afazeres, essa mesma angústia surge em sua melhor forma, o nada. E o nada assusta.

Será que por esse motivo a velocidade se apoderou do lento para o sofrimento em relação ao ócio não ser tão insano? A proposta apresentada nos movimentos atuais de desaceleração necessita de uma reaproximação com os vetores da velocidade como agregadores e não como luta entre o bem e o mal. Todos sofremos as consequências, sejam elas pelo vetor da velocidade ou pela lentidão. Ciro (2005) define que o corpo, não sendo máquina, reage conforme as consequências de carga que nele colocamos: “Nós envenenamos nosso próprio corpo com os vícios de nossa mente. O processo se dá em cadeia” (MARCONDES FILHO, 2005, p. 81).

Mais uma vez afirmo que perder tempo ou ir além dele mesmo é o mesmo que dizer: vá lá, perca tempo. O tempo perdido em causa nobre é valor agregado à existência. Respeitar o tempo como tal é respeitar a temporalidade como nos é dada. Perder tempo não é o mesmo que matar o tempo. Todos os aparatos tecnológicos e

principalmente a televisão vieram para matar o tempo, ou seja, não os usamos para nada e com certeza não agregarão em nada ao nosso conhecimento. Em contrapartida, ao andar pelas ruas apenas por andar estamos perdendo tempo para ganhá-lo em qualidade. Respirar ar puro, caminhar, conversar com as pessoas. É essa a proposta dos “*Slow*”. Perder tempo!

A afirmação acima é bem aceita pelas pessoas, e acrescentará o favorecimento de uma reorganização geral em sua vida. Demorará mais? Sim. Mas a qualidade é visível. O contrário dessa afirmação também é verdadeiro. Quando pedimos uma pizza por telefone. Se há demora porque passou do tempo estipulado de entrega, ligamos reclamando o pedido. E quando chega, apreciar o momento já não existe mais, porque o estresse gerado pela espera quebrou todo o encanto. E isso existe em quase tudo: o exemplo da pizza é uma gota em um oceano encharcado pela velocidade.

O advento da desaceleração buscou na “correria” seu maior aliado para mostrar que todo o estresse gerado pela velocidade ou por falta dele nos “engarrafamentos” da vida funciona como uma bomba prestes a explodir.

Para a lógica da dromocracia é certo, mas em situação oposta, parar é pensar, relaxar, procurar alternativas. Senão, as pessoas não procurariam os edifícios onde se reuniam os fiéis para exercer o ato de rezar, pois lá havia o silêncio. Hoje é motivo de castigo parar para orar. Os momentos da vida que passamos perdendo tempo foram momentos de reflexão. Se apenas uma centelha do que propõem os movimentos fosse realmente aplicada apesar de toda a rigidez em se propor cidades, seria de suma importância. Mas temos a necessidade de ter tudo ao mesmo tempo e sem parar os relógios. Quando deixamos de fazer algo em um volume considerável, nos parece que foi algo tirado. Temos tudo e ao mesmo tempo, nada.

4.4. Paradigma com nuances de verdade

Os grupos humanos são capazes de recolocar e de vivenciar os acontecimentos na dimensão do tempo, na exata medida em que, por um lado, dentro de sua vida social colocam-se problemas que requerem uma determinação social, e por outro, sua organização social e seus conhecimentos lhes permitem utilizar uma série evolutiva como quadro de referência e padrão de medida para outra (ELIAS, 1984, p. 41).

Durante os estudos referentes a dromologia e a dromocracia tomei conhecimento dos movimentos *Slow*. A princípio foi impactante, pois como estudar a velocidade e procurar entender sua episteme²⁰, que já é uma árdua tarefa, e ter já por algum tempo pessoas falando de desaceleração? Pois bem, faço aqui uma reflexão acerca de um desses dois paradigmas.

Se os Movimentos *Slow* têm como característica principal a redução de velocidade em nossas atividades diárias, como sua divulgação é feita pelo meio mais dromociberapto²¹ que é a internet? Deve haver alguma explicação por trás disso. A resposta para esse quesito pode até ser simples mas há a necessidade de uma reflexão aprofundada.

Não cabe aqui desconstruir, apenas pontuar que por mais desprendido que seja a nova proposta, ela também está voltada ao vetor do capital. Como divulgar, propagar e ter retorno sem o auxílio de ferramentas que deem a velocidade suficiente de propagação, usando os meios eletrônicos? Numa sociedade em que tudo e todos são dependentes e interdependentes não há como “aparecer” sem usar os recursos da velocidade.

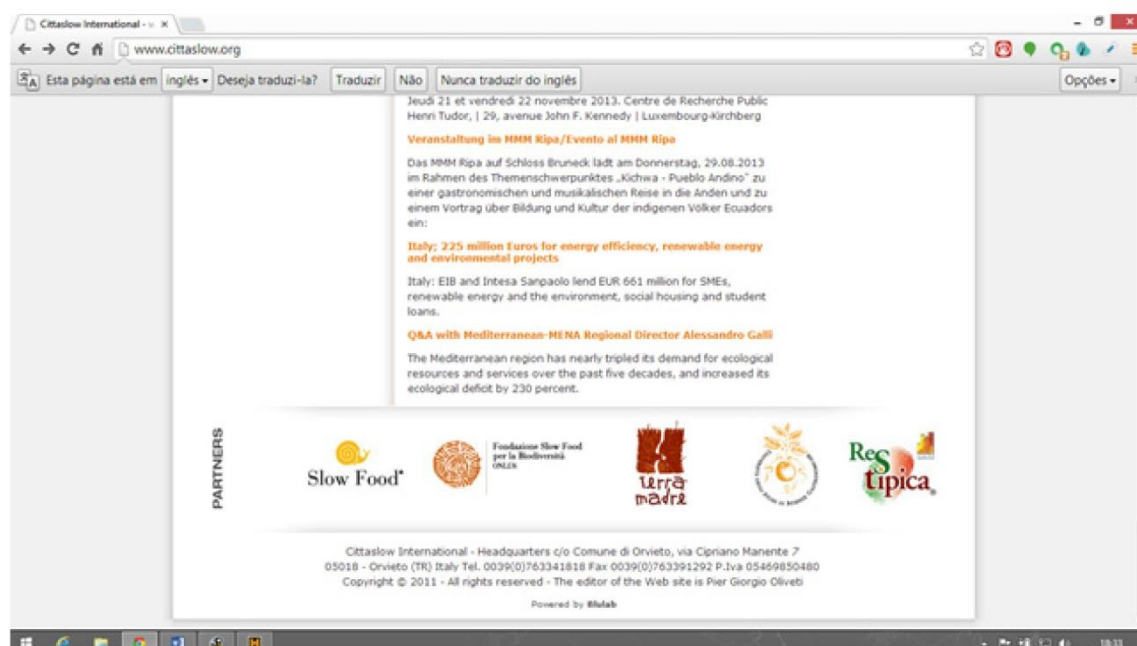
No site do *Città Slow*, as informações de novidades são imediatamente divulgadas. É um conceito, no mínimo, estranho. Queremos desaceleração, mas a divulgação tem que ser pulverizada pelo mundo. No léxico, “pulverizador” significa borrifar algo com minúsculas gotículas de qualquer líquido, usando um pulverizador.

²⁰ Na filosofia grega, especialmente no platonismo, o conhecimento verdadeiro, de natureza científica, em oposição à opinião infundada ou irrefletida e no pensamento de Foucault (1926-1984), o paradigma geral segundo o qual se estruturam, em determinada época, os múltiplos saberes científicos, que por esta razão compartilham, a despeito de suas especificidades e diferentes objetos, determinadas formas ou características gerais.

²¹ Apenas uma junção das palavras dromo, ciber e aptidão, já conotadas e mostradas na presente dissertação. Não há a necessidade de registro e nem é um neologismo. Apenas para ilustrar o quão rápido as formas institucionais estão.

Ora, podemos entender que o líquido é a proposta em si e o pulverizador são todas as mídias da cibercultura. No máximo, posso entender que não importa o que se desenvolva ou o que se distribua, pois quando os objetos caem nas garras da internet, tudo vira valor agregado.

Figura 27 - Print da tela do site *Città Slow*. 2013



Fonte: <http://www.cittaslow.org>

Os movimentos precisam ser difundidos. As pessoas precisam ficar sabendo, assinam *news/letters* e compram souvenirs para divulgar. A rapidez com que isso se propaga não condiz com a proposta desaceleradora do *Città Slow*. Na capa de seu site tem tudo de imediato para que a pessoa não perca tempo em ficar procurando. Incrível, não? “Perder tempo” é colocado em aspas para mostrar que o que se prega muitas vezes não é o que se vende. Não há como separar o social do capital.

Pode-se verificar em seus *partners*; todas essas associações têm o caráter voltado ao lucro e de preferência, rápido. E o devir pela rapidez reflete a passagem pela velocidade e a obsolescência. Aplica-se a lógica do excesso, o capital virtual em que tudo virou mercadoria. Essa desconstrução é essencial porque não há como desvincular, infelizmente, o aparato do proposto. Seu uso não tem mais como mais evitar.

Deve-se caminhar lado a lado para que as duas partes não sofram. Ou melhor uma só. A outra é mais do que fato.

Bauman (2010) comenta sobre a imprevisibilidade.

Como o mundo em que vivemos é um sistema de complexidade além da imaginação, seu futuro é um grande desconhecido, e irá continuar fatalmente assim, o que quer que a gente faça (BAUMAN 2010, p. 132).

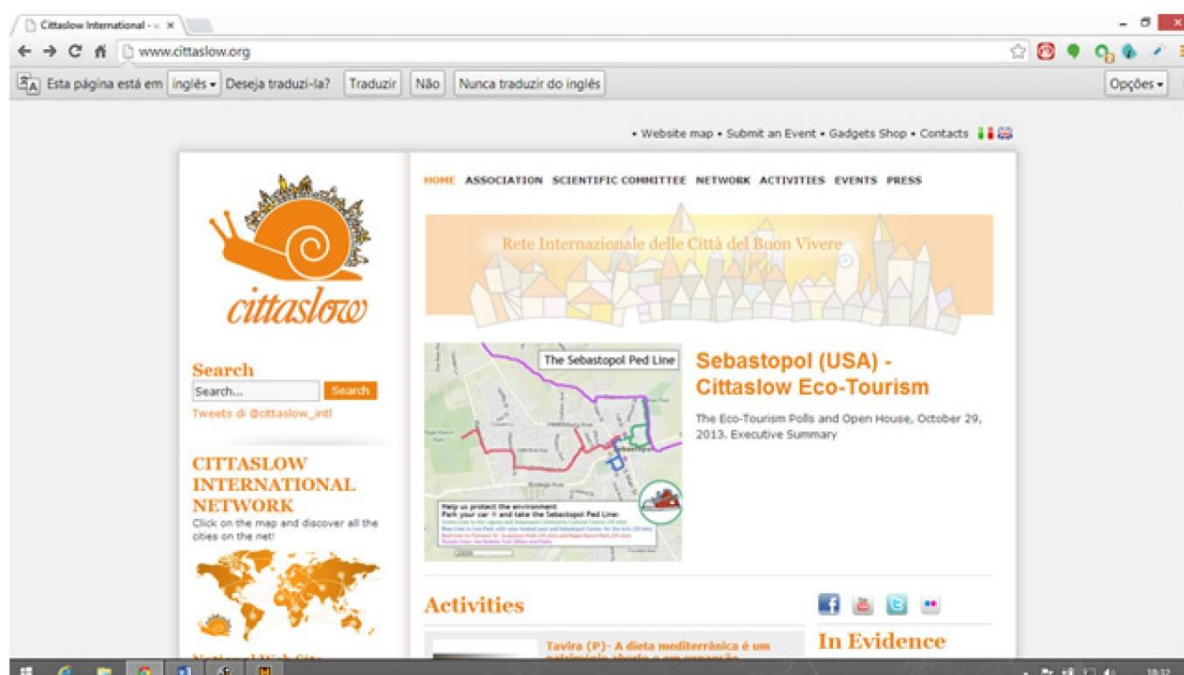
E nos movimentos que advêm de tantas outras propostas indicadas nesse capítulo, inclino-me a afirmar que vivemos numa grade de incertezas. As verdades podem aparecer de cada um, e cada uma delas tem a certeza de contribuir com uma sociedade mais enriquecida e apta a enfrentar os mais diversos momentos da vida. Como disse Sêneca: “Apressa-te a viver bem e pensa que cada dia é, por si só, uma vida”.

Tudo que foi visto e revisto até agora, é um processo evolutivo para o bem comum ou apenas de alguns pouco detentores do capital ou a reprodução do social por meio de mercadorias nela posta e que todos, do mundo do capital são profundamente responsáveis? As regras impostas pelos mesmos, garante uma dinâmica revolucionaria afim de garantir que a sociedade responda aos seus anseios.

Pelo modo como esses mecanismos do capitalismo criam os sulcos de sua superfície dentro da história, acaba por ser previsível seu futuro, a especulação. Segundo Bourdieu:

Como o habitus é uma capacidade infinita de engendrar produtos – pensamentos, percepções, expressões, ações – cujo limites são fixados pelas condições históricas e socialmente situadas de sua produção, liberdade condicionante e condicional que ele garante está tão distante de uma criação de novidade imprevisível que o está de uma reprodução mecânica simples dos condicionamentos iniciais (BOURDIEU, 1977 apud HARVEY, David, p. 202).

Com essa afirmação podemos dizer com certa segurança que não importam os movimentos que virão, com certeza eles de algum modo se engendrarão para o capital. Os *just-in-time*, os *fasts* e os movimentos desacelerados que ora se celebram mundialmente, de uma forma ou de outra convergem para uma forte corrente que já impera há séculos. Desse ponto de vista, podemos aceitar que a ficção de uma sociedade onde o valor de uma vida mais tranquila e sem a pressa do que a sociedade dromológica prega é no mínimo uma colagem fragmentada do pensamento social.

Figura 28 - Print da tela do site *Cittá Slow*. 2013

Fonte: <http://www.cittaslow.org>

Todos os novos modelos que se apresentam para uma sociedade mais justa e mais democrática têm no seu cerne uma ideologia aplicada ao seu interesse, mas as mudanças políticas e culturais não permitem que avancem sem que haja o interesse por parte de outros. A quebra do vínculo é inevitável, pois como conseguir articular subjetivo com objetivo? O ideal de uma sociedade nem sempre é o que se firma no final. Segundo Marx (1967), “...erigimos na estrutura da imaginação antes de erigirmos na realidade”.

Para finalizar e deixar um ponto de reflexão acerca dos Movimentos *Slow*, cito uma passagem do pensamento de Karl Marx:” [...] onde o trabalho é comunal as relações entre homens em sua produção social não se manifestam como valores de coisas”²². Isto quer dizer que enquanto for benéfico a união entre o tempo e as pessoas tudo correrá em harmonia. Adorno (1999) comenta que o conceito de técnica não pode ser imaginado totalmente:

²² Coleção Iluminados da Humanidade – A vida e o pensamento de Karl Marx - Morgana Gomes. Editora Minuano Cultural (s/d p. 77).

Possui origem histórica e pode desaparecer. Ao visarem à produção em série e à homogeneização, as técnicas de reprodução sacrificam a distinção entre o caráter da própria obra de arte e do sistema social. Por conseguinte, se a técnica passa a exercer imenso poder sobre a sociedade, tal ocorre, [...], graças, em grande parte, ao fato de que as circunstâncias que favorecem tal poder são arquitetadas pelo poder dos economicamente mais fortes sobre a própria sociedade (ADORNO, 1999, p. 7).

A partir do momento em que as trocas, simbólicas ou não, e me parece são físicas, ficarem a desejar em detrimento dos interesses das partes envolvidas, o castelo tende a desmoronar tal qual como construído. Alicerce por alicerce é melhor ficar com as teorias já amalgamadas na sociedade apesar de uns poucos sobressaírem sobre outros. É a lógica do capital que nem sempre entendida ou compreendida. Num ocidente partindo da Europa, como pode se pensar em técnica de desaceleração se o berço do período industrial nasceu de suas entranhas e retro alimentou-se por muito tempo e ainda o faz com maior precisão? Viver melhor não significa abdicar das coisas ligeiras, mas saber que o equilíbrio está no meio. O suporte é necessário, mas não pode ser substituído ou excluído.

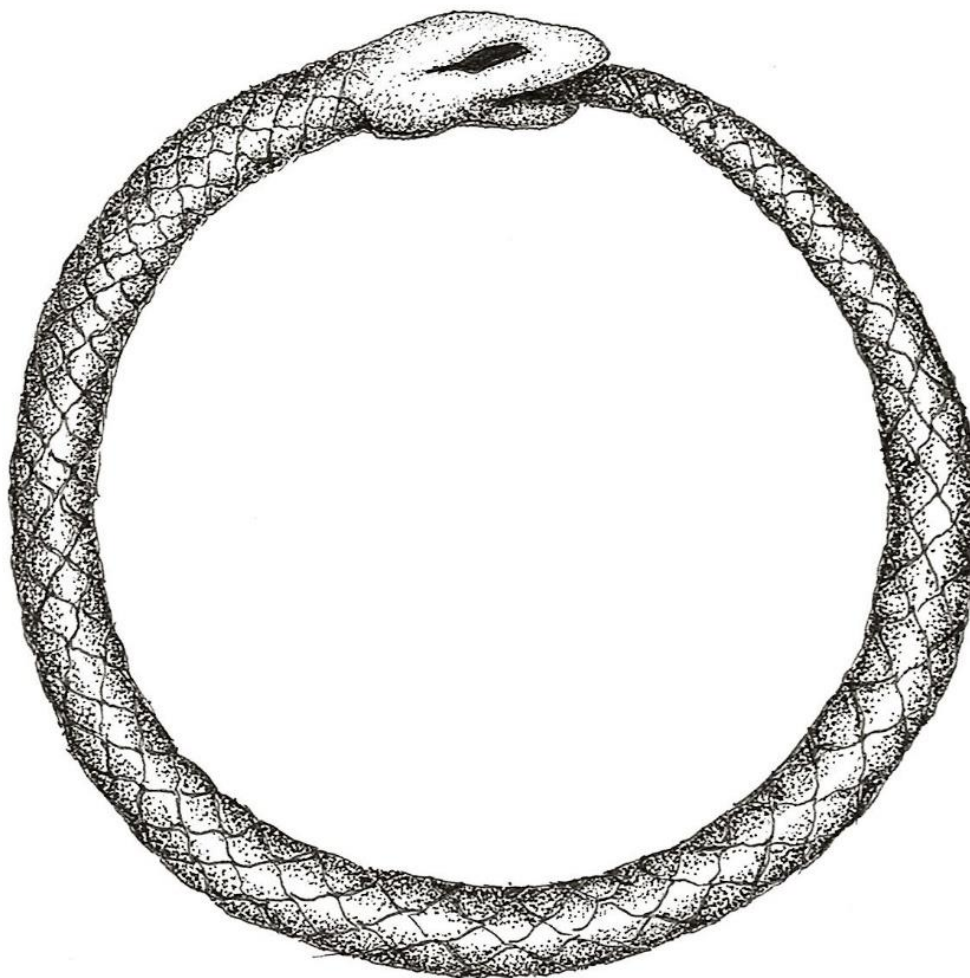
No momento não há ter certeza de que esses movimentos vingarão em uma sociedade mais justa e sem a pressa de que haverá em seu encaixe os fantasmas do capitalismo. Se o capital é um processo e não um bem qualquer, automaticamente se reproduz na sociedade como mercadoria em que todas as pessoas estão de uma forma ou de outra envolvidas. Dentro do escopo do projeto *Slow* o mesmo poderá se repetir. Seu formato não é tangível, e dessa maneira engana pois se recria na forma de desejos, necessidades doravante reformatadas. O processo de transformar os desejos em prol do ser humano faz os espaços serem alterados e ao mesmo tempo acelerar seu ritmo de vida. Se assim se apresentar, o surgimento de um super acúmulo será inevitável. Ao que parece teremos a forma de “Ouroboros²³” da sociedade. E se ela, a sociedade, tende sempre a construir sua própria história, em

²³ A serpente ou em alguns casos o dragão que devora a própria cauda é um símbolo com mais de 3 mil anos, e que regularmente retorna à nossa consciência coletiva pelas mais diversas formas. O Ouroboros aparece pela primeira vez no Antigo Egito, onde representa o retorno de Rá (encarnado no Sol). Ao ponto de partida, depois de cruzar o céu e o submundo. Viaja para a Grécia onde recebe o nome pelo qual atualmente é conhecido, e que significa aquele que devora a própria cauda, um símbolo da morte e do renascimento. É normalmente visto como símbolo do infinito, do eterno retorno, da descida do espírito ao mundo físico e o seu regresso ao mundo espiritual. Está relacionado com o tempo, representa o eterno e o ciclo das eras. Pode ser também visto como símbolo de unidade e interdependência.

Fonte: <http://mitos.cultodavida.com/view/ouroboros---a-serpente-que-devora-a-cauda.html>

muitos casos sem se preocupar com seus valores e tradições, os Movimentos *Slow* não fugirão à regra, mas em contra partida não deixam de lado o acumulo de capital oferecido pelas propagandas, produtos e tecnologias comunicacionais aplicadas à sua sobrevivência.

Figura 29 – Ilustração da forma de Ouroboros



Fonte: Acervo do autor

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos dromológicos firmados acerca da velocidade nos são apresentados como um caminho para o bem-estar comum. Sempre que temos como suporte os vetores que levam ao encontro do capital empregado para o acúmulo, é certo que funcionará.

Em contra partida, fica a dependência dos que a usam como solução dos problemas. Por muito tempo se pensou que com a Revolução Industrial, todas as partes envolvidas, empresários e empregados, teriam seu quinhão acaso produzissem mais e comercializassem mais. Somente uma parcela avançou, a quem detém o poder da valoração do dinheiro. E como a moeda de troca é sempre mais forte, a força em ter tudo acelerado é inevitável. A dromocracia segue pelo mesmo caminho: saber que a solução está na velocidade e no domínio de tudo.

A comunicação caminhou pelo mesmo viés dromológico, em ter como suporte as palavras de ordem dentro das chamadas publicitárias. A redenção estaria em comunicar rapidamente, ter as respostas mais rápidas e as decisões imediatas, ao contrário de épocas passadas, quando o importante era mostrar as qualidades do que se vendia. Se a mídia detém o poder de passar ideias porque não o de escravizar. Pode-se colocar aqui também, o porque não tornar funcionário de seu aparato?

Da corrida dromológica, ficou a herança da sedação pois se tudo está ao alcance das mãos e conectados pelo apertar de botões, não há a necessidade de esforço. A sociedade aceitou essa condição. Cabe à mesma desenvolver a capacidade de superar sua servidão.

Correntes contra hegemônicas a esse vetor da aceleração propõem um caminho mais lento e saudável e vê que a cadência lenta e concisa chegará ao mesmo lugar. Trocar a vida dos moldes da dromoaptidão para a lentidão é uma das propostas do Movimento *Slow*. Fundamentada mas não concretizada, os adeptos desse modelo percebem que a utopia é boa. Mas será boa o bastante a ponto de negar o acúmulo por vias rápidas? Como vencer as barreiras do capital já instaurado, se essa mesma corrente se vale dos avanços dromológicos e tecnológicos para poder espalhar sua comunicação?

Parece ser um ensaio ao retorno da comunicação de contato. Mas ao que parece algo está fora de lugar nesse contexto. Percebem que a lentidão está presente,

mas para poder difundi-la é necessário rapidez dentro dos modelos da comunicação na civilização cibercultural e o *modus operandi* é o mesmo dos dromoaptos. Percebemos que com o advento da dromocracia esse paradigma não pode ser transposto. A transposição seria uma catástrofe de alto grau e imensas as perdas.

A proposta deste trabalho foi mostrar como, ao longo dos anos esse vetor foi adaptado para determinado setor e de que modo a sociedade se viu engendrada em sua própria armadilha que se modifica para ser aceita por todos.

Por ora, fica aberto o questionamento acerca das propostas, e como todo trabalho epistemológico e de cunho exploratório, as conclusões nunca serão suficientes o bastante para esgotar a procura. O longo trabalho de pesquisa procurando compreender como a sociedade se comporta com os adventos cibernéticos, a cada momento muda seu vetor. A procura por respostas certamente nunca virão mas o que se pode deixar como legado é um ponto de continuidade para entender porque a tão sonhada liberdade dentro da cibercultura é permeada de teorias muitas vezes, controversa.

Concluo que devemos procurar os meios para que as teorias caminhem juntas ou pelo menos se amparem. A tecnologia não é infinita, ela tem prazo curto. A humanidade também tem seu tempo de vida.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. **Adorno: Textos escolhidos**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.
- ABAD, Germán Llorca. ***Las dictaduras de Velocidad: Política, guerra y propaganda en la obra de Paul Virilio***. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2010.
- AUGE, M. **O não-lugares**. Tradução: Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. IN-CM, Lisboa, 2001.
- BAITELLO JR., N. **O pensamento sentado**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.
- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. São Paulo: Relógio D'Água, 1981.
- _____. ***L'autre par lui-même***. Paris, Galiléé, 1987.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BRETON, P. **A utopia da comunicação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- CASTORIADIS, C. ***La Institucion Imaginaria de la Sociedad***. Tusquets Editores, S. A., Barcelona, 1975.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DURKHEIM, E. **Émile Durkheim. Org. José Albertini Rodrigues - 9º Ed.** São Paulo: Ática, 1999.
- ELIAS, N. **Sobre o tempo**. São Paulo: Zahar Editores, 1984.

FELINTO, E. **A religião das Máquinas**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

GOMES, M. **A vida e o pensamento de Karl Marx**. Rio de Janeiro: 4D Editora, s/d.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 16^a. Ed. 2007.

HOHLFELDT, L., MARTINO, L.C., FRANÇA, V.V. (Org.) **Teorias da comunicação: conceitos, escolas, e tendências**. 11^a. Edição. Petrópolis: Vozes, 2011.

MARCONDES FILHO, C. (Org.) **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.

_____. **Perca tempo: é no lento que a vida acontece**. São Paulo: Paulus, 2005.

MATTELART, A. **História da sociedade da informação**. 2^a Edição. Tradução: Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: São Paulo, 2006.

MATTELART, M. e A. **O carnaval das imagens. A ficção na tv** – 1^a Edição. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PASCAL, B. **Pensamentos**. Versão *e-book*, 2002.

TRIVINHO, E. **A dromocracia cibercultural**. São Paulo: Paulus, 2007.

TOURAINÉ, A. **Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje**. Rio de Janeiro: Petrópolis: Rio Janeiro 2006.

SILVA, Maurício Ribeiro. **Na órbita do imaginário: comunicação, espaços e os espaços da vida**. São José do Rio Preto: Bluecom Comunicação, 2012.

RÜDIGER, F. **Elementos para a Crítica da Cibercultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

_____. ***As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores.*** Porto Alegre: Sulinas, 2011.

VIRILIO, P. ***Velocidade e Política.*** Tradução: Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WIENER, N. ***Cibernética e Sociedade – O Uso Humano de Seres Humanos.*** 5ª. Ed. São Paulo: Cultrix, 1978.